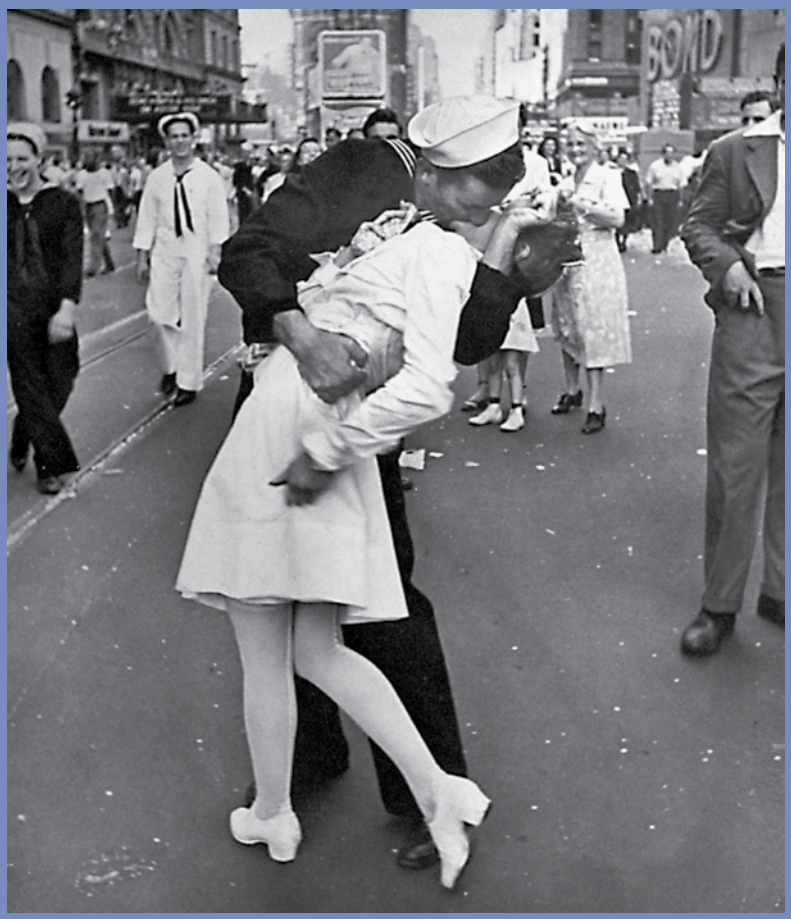
Aranha

A IDENTIDADE DO SUJEITO MORAL



ALFRED EISENSTAEDT/TIME & LIFE PICTURES/GETTY IMAGES

Este beijo na Times Square, em Nova York (1945), ocorreu durante a celebração da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULOS

1 O corpo vivido
2 Amar é uma arte?
3 Aprender a morrer
4 Em busca da felicidade

Sistema Educacional por Competências
UNO INTERNACIONAL



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

A liberdade e a ética para a felicidade

"(...) chamamos de absoluto e incondicional aquilo que é sempre desejável em si mesmo e nunca no interesse de outra coisa.

Ora, esse é o conceito que preeminentemente fazemos da felicidade. É ela procurada sempre por si mesma e nunca com vistas em outra coisa, ao passo que à honra, ao prazer, à razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos (pois, ainda que nada resultasse daí, continuaríamos a escolher cada um deles); mas também os escolhemos no interesse da felicidade, pensando que a posse deles nos tornará felizes. A felicidade, todavia, ninguém a escolhe tendo em vista algum destes, nem, em geral, qualquer coisa que não seja ela própria. (...) A felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação."

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 255. (Coleção Os Pensadores.)

Mulheres correndo na praia, 1922, de Pablo Picasso. Óleo sobre madeira. Museu Picasso, Paris, França.

Objetivos

Professor: Consulte o Plano de Aulas. As orientações pedagógicas e sugestões didáticas facilitarão seu trabalho com os alunos.

Ao final deste módulo, você deverá ser capaz de:

- compreender quais foram as teorias sobre as relações corpo e alma em vários períodos da história humana;
- contextualizar as diversas concepções filosóficas sobre o sentimento amoroso para entender a maneira pela qual o vivenciamos hoje;
- examinar o enigma da morte e compreender a recusa de muitos a olhá-la como uma dimensão inescapável da vida;
- contextualizar a felicidade como resultado da "experiência de ser", que passa pela compreensão do corpo, do amor e da morte.

CAPÍTULO 1

O corpo vivido

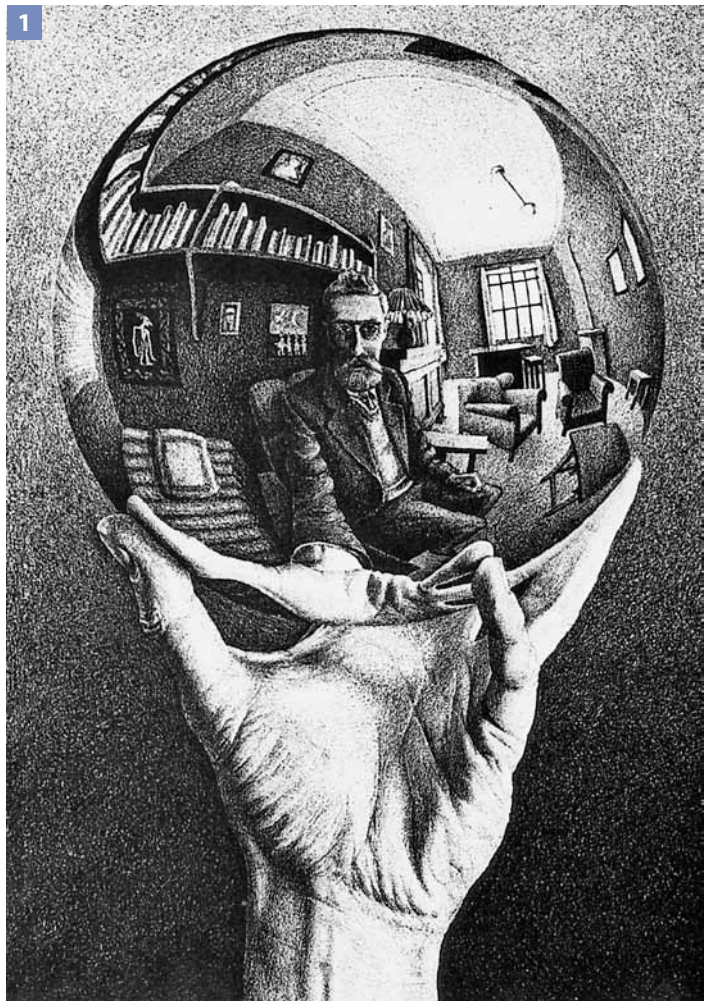


Figura 1 • Em *Mão com esfera refletora* (1935), Maurits Cornelis Escher faz o autorretrato de sua imagem refletida na esfera, o que possibilita detalhar o ambiente inteiro: paredes, teto e chão. Mas, por curiosidade: com que mão ele segura a esfera: com a direita ou com a esquerda?

Professor: Alguns dirão que é com a direita, sem se lembrar de que o espelho inverte os lados da figura e sem perceber que a posição da mão desenhada na base da esfera é condizente com a da mão esquerda. A questão é: o espelho me revela tal como sou?

1 A morada desconhecida

É um engano pensar que, por estarmos presentes em nosso próprio corpo, temos dele plena experiência ou conhecimento. Segundo o psicanalista francês Jacques Lacan, a criança descobre sua unidade corporal no período dos 6 aos 18 primeiros meses de vida, por meio do chamado **estádio do espelho**: ela se alegra e ri quando consegue identificar a imagem refletida de sua figura, ao mesmo tempo que constrói a percepção do outro, que é diferente dela.

Mesmo para os adultos, a experiência do corpo é inicialmente pré-reflexiva e só depois tematizada como objeto de conhecimento (figura 1). Muitos podem passar a vida sem saber como seu corpo funciona nem como se transforma. Além disso, vemos nosso corpo no espelho apenas por perspectivas e não quando andamos, falamos, dormimos, rimos ou choramos, tal como percebemos o corpo de outra pessoa. Por isso, é intrigante – ou até desconcertante – quando nos vemos filmados.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2 Corpo e alma: o dualismo platônico

Durante muito tempo os filósofos ocidentais explicaram o ser humano como composto de duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente). Chamamos de **dualismo psicofísico** essa dupla realidade da consciência separada do corpo.

Segundo Platão (427-347 a.C.), antes de encarnar, a alma teria vivido no mundo das ideias, em que conheceu tudo por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar dos sentidos. Ao unir-se ao corpo, a alma se torna prisioneira dele e por isso se degrada, dividindo-se em:

a) alma superior (a alma intelectiva);

b) alma inferior e irracional (a alma do corpo).

Esta última, por sua vez, subdivide-se em duas partes:

- a alma irascível, impulsiva, sede da coragem, localizada no peito;
- a alma concupiscível, centrada no ventre e sede do desejo intenso de bens ou gozos materiais, inclusive o apetite sexual.

Escravizada pelo sensível, a alma inferior conduz à opinião e, consequentemente, ao erro, perturbando o conhecimento verdadeiro. O corpo é também ocasião de corrupção e decadência moral, caso a alma superior não saiba controlar as paixões e os desejos. Portanto, todo esforço humano consiste no domínio da alma superior sobre a inferior (figura 2).

Não deixa de parecer contraditória essa desvalorização do corpo, se sabemos o quanto os gregos apreciavam os exercícios físicos e os esportes, além de cultuarem a beleza corporal. Não por acaso, a Grécia foi o berço das Olimpíadas, durante a qual até as guerras cessavam e seus artistas esculpiam corpos perfeitos, simétricos e belos (figura 3).

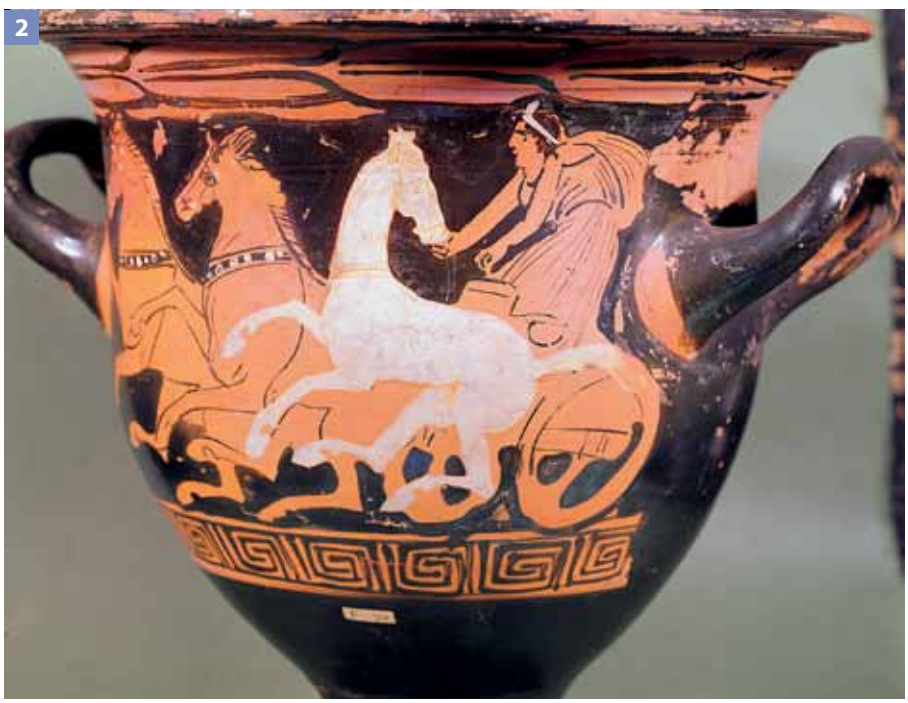
O **aforismo** "corpo são, mente sã", no entanto, apenas confirma a superioridade do espírito: na posse de saúde perfeita, a alma desprende-se dos sentidos para melhor se concentrar na contemplação das ideias. Caso contrário, a fra-

Glossário

Aforismo. No sentido geral, máxima, ditado, pensamento.

Figura 2 • No diálogo *Fedro*, Platão descreve o mito do carro alado e a divisão da alma: os cavalos simbolizam a força, o impulso que nos leva adiante, enquanto o cocheiro é a razão que os controla.

Figura 3 • *O discóbulo*, esculpido por Míron (século V a.C.), mostra a habilidade em captar o exato movimento antes de lançar o disco. Essa escultura famosa expressa o gosto dos gregos pelo esporte e pela beleza física.


2

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE


3

BETTMANN/CORBIS/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

queza física torna-se empecilho maior à vida intelectual. Nesse contexto, fica claro que a felicidade para Platão é de natureza racional e moral, e depende do controle do corpo e das paixões.

A concepção platônica de separação corpo-alma continuou na Idade Média por meio da tradição platônico-cristã que associava o corpo a sexo e pecado. A convicção de que as paixões são perigosas e levam à degradação moral estimulou as práticas de purificação pelo **ascetismo**, por meio de jejum, flagelação e abstinência de sexo.

Não podemos, no entanto, deixar de observar que tanto os antigos como os medievais tinham do corpo um julgamento contraditório. Entre os gregos, o corpo era ocasião de erro, mas buscava-se sua beleza. Já entre os medievais, o corpo era ocasião de pecado, mas era também um dom recebido do Criador – tanto é que, no final dos tempos, haveria a "ressurreição da carne".

3 O corpo sob o olhar da ciência

A partir do Renascimento, a concepção de corpo começou a mudar. Um indício foi a prática da dissecação de cadáveres, até então proibida pela Igreja, por ser um ato **sacrílego** que desvenda o que Deus teria ocultado de nosso olhar. No século XVI, o médico belga Vesalius (1514-1564) causou perplexidade ao desafiar essa tradição. Apesar das dificuldades enfrentadas, seu procedimento revolucionário alterou várias concepções inadequadas da anatomia tradicional, até então baseada na obra de Galeno (século II), que se restringia a dissecações de animais.

A "**profanação**" pelo olhar realizada por Vesalius foi ilustrada por vários pintores da época (figura 4). O novo olhar sobre o mundo é o da consciência secularizada, da qual se retirou o componente religioso para apenas considerar a natureza física e biológica do corpo, tomado como objeto de estudo científico. Esses antecedentes são indicativos da revolução científica que ocorreria no século XVII com Francis Bacon, René Descartes e Galileu Galilei.

Glossário

Ascetismo. A palavra ascese, em grego, significa o exercício de treinamento dos atletas. Com o tempo, adquiriu o sentido de disciplina espiritual de autocontrole. Com o cristianismo, o termo ascetismo passou a significar a renúncia do prazer físico.

Sacrílego. Relativo a sacrilégio; o que ofende a religião, o que profana o sagrado.

Profanação. Ato de violar ou ofender o que é sagrado.

4



GEMEENTE MUSEA, DELFT

Figura 4 • Na tela *Lição de anatomia do dr. Van der Meer* (1617), Van Mierevelt não representa apenas médicos aprendendo a dissecar. Trata-se do novo olhar profano, voltado para um mundo a ser desvendado pela ciência nascente.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3.1 Descartes: o corpo-máquina

A filosofia de René Descartes (1596-1650) contribuiu para a nova concepção de corpo. Para ele, o ser humano constitui-se de duas substâncias distintas:

a) a substância pensante (em latim, *res cogitans*, "coisa que pensa"), de natureza espiritual: o pensamento;

b) a substância extensa (*res extensa*, a **extensão**), de natureza material: o corpo.

Eis aí o **dualismo psicofísico** cartesiano. Essa teoria, embora pareça com o dualismo platônico, apresenta diferenças, por diversos motivos. Primeiro porque a mente, como *res cogitans*, é capaz de, por si mesma, conhecer o que Descartes chamava de **ideias inatas**, ou seja, aquelas que não precisam da experiência e encontram-se em nós mesmos (por exemplo, a ideia de Deus e do *cogito*, o pensamento). Por outro lado, Descartes concebe um corpo-objeto, associado à ideia mecanicista do ser humano-máquina. Ou seja, para o filósofo, nosso corpo age como máquina e funciona de acordo com leis universais.

Descartes explica, contudo, que, apesar de diferentes, corpo e alma são substâncias que se relacionam, porque a alma necessita do corpo: é pela imaginação que o corpo fornece à alma os elementos sensíveis do mundo e pelo qual podemos experimentar sentimentos e apetites. Mas cabe à alma submeter a vontade à razão, controlar as paixões que prejudicam a atividade intelectual e provocam tristeza, bem como cultivar aquelas que nos dão alegria. No livro *As paixões da alma*, Descartes afirma que podemos conhecer a força ou a fraqueza da alma quando a vontade consegue vencer mais facilmente as paixões.

Glossário

Extensão. Esse conceito possui vários significados. Para Descartes, a extensão é o atributo fundamental da matéria (dos corpos que ocupam lugar no espaço).

Idealismo. Termo com vários sentidos. No contexto, sistemas segundo os quais o ser ou a realidade são determinados pela consciência.

Materialismo. Do ponto de vista da teoria do conhecimento, o dado material é considerado anterior ao espiritual e o determina.

4 Espinosa e a ética da alegria

No século XVII, a filosofia de Espinosa constituiu uma exceção por superar a dicotomia corpo-consciência ao restabelecer a unidade humana. Como para ele o desejo é a própria essência humana, interessa-se por tudo que nos dá alegria e que aumenta nossa capacidade de pensar e de agir, distinguindo o que nos leva à tristeza, à passividade e à atrofia de nossa potência de existir (figura 5).


5

GARRY WADE/TAXI/GETTY IMAGES

Figura 5 • Espinosa supera a dicotomia corpo e consciência. A música proporciona alegria a esse grupo de amigos.

4.1 A teoria do paralelismo

Ao analisar as possibilidades de expressão da liberdade, Espinosa desafia a tradição vinda dos gregos. A novidade é a **teoria do paralelismo**, segundo a qual não há relação de causalidade ou de hierarquia entre corpo e espírito: nem o espírito é superior ao corpo, como afirmam os **idealistas**, nem o corpo determina a consciência, como dizem os **materialistas**. A relação entre um e outro não é de causalidade, mas de **expressão** e simples **correspondência**, pois o que se passa em um deles exprime-se no outro: a alma e o corpo expressam a mesma coisa, cada um a seu modo próprio.

Não convém, portanto, dizer que o corpo é passivo, ao passo que a alma é ativa, ou vice-versa. Quando passivos, o somos de corpo e alma; quando ativos,

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

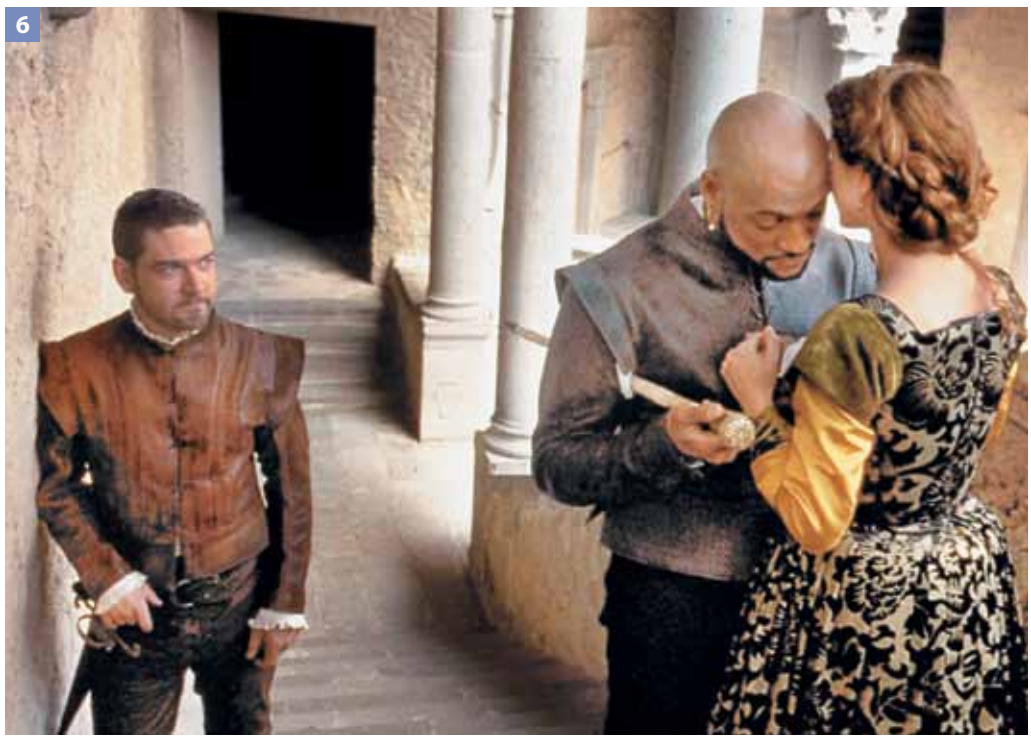
o somos de corpo e alma também. Somos ativos quando autônomos, senhores de nossa ação, e passivos quando o que ocorre em nosso corpo ou alma tem uma causa externa mais poderosa que nossa força interna. Ora, quando nossas ações são causadas por outros, nos tornamos heterônomos. Vejamos como Espinosa concebe as paixões da alegria e da tristeza. Qual é a diferença entre elas?

- A alegria é a passagem do ser humano de uma perfeição menor para uma maior.
- A tristeza é a passagem do ser humano de uma perfeição maior para uma menor.

A paixão alegre, ao aumentar nosso ser e nossa potência de agir, aproxima-nos do ponto em que nos tornaremos senhores dela e, portanto, dignos de ação. Assim, o amor é a alegria do amante, fortificada pela presença do amado ou da coisa amada. Outras expressões da alegria são o contentamento, a admiração, a estima, a misericórdia.

A paixão triste afasta-nos cada vez mais de nossa potência de agir, por ser geradora de ódio, aversão, temor, desespero, indignação, inveja, crueldade, ressentimento, melancolia, remorso, vingança (figura 6).

6



ALBUM ART/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 6 • Em *Otelo*, de Shakespeare, Iago induz o mouro Otelo a suspeitar de sua mulher, Desdêmona: inveja e ciúme são os componentes da tragédia.

E quanto à alma: qual é sua força e sua fraqueza? A virtude da alma, no sentido primitivo de força, de poder, consiste na atividade de pensar, conhecer. Portanto, sua fraqueza é a ignorância. Quando a alma se reconhece capaz de produzir ideias, passa a uma perfeição maior e é afetada pela alegria. Mas se, em alguma situação, a alma não consegue entender, a descoberta de sua impotência provoca o sentimento de diminuição do ser e, portanto, a tristeza. Nesse caso, a alma está passiva.

Espinosa usa o termo latino *conatus* (esforço, impulso) para designar a tendência de todos os seres à autopreservação: "toda a coisa se esforça, enquanto está em si, por perseverar no seu ser".

O que distingue Espinosa dos filósofos anteriores é que ele não inferioriza o corpo submetendo-o à razão, nem admite que a vontade seja capaz de controlar as paixões. Quando estamos dominados por uma paixão triste, somos joguetes

dos nossos afetos: apenas uma paixão alegre, ou seja, um afeto mais forte, poderá vencer um afeto fraco.

Embora tenha escrito no século XVII, a teoria de Espinosa não obteve repercussão, até porque sua obra foi pouco lida em razão das críticas que lhe faziam seus opositores, sobretudo por motivos religiosos.

5 O corpo vivido

Deixamos de abordar as teorias que valorizam o corpo com suas paixões, tal como Epicuro (século III a.C.), para quem o bem se encontra no prazer. Ou ainda Nietzsche (século XIX), cuja teoria orientou-se no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais e instintivas subjugadas pela razão durante séculos.

Escolhemos apresentar um esboço de uma tendência que se desenvolveu na primeira metade do século XX: a fenomenologia.

5.1 Eu sou meu corpo

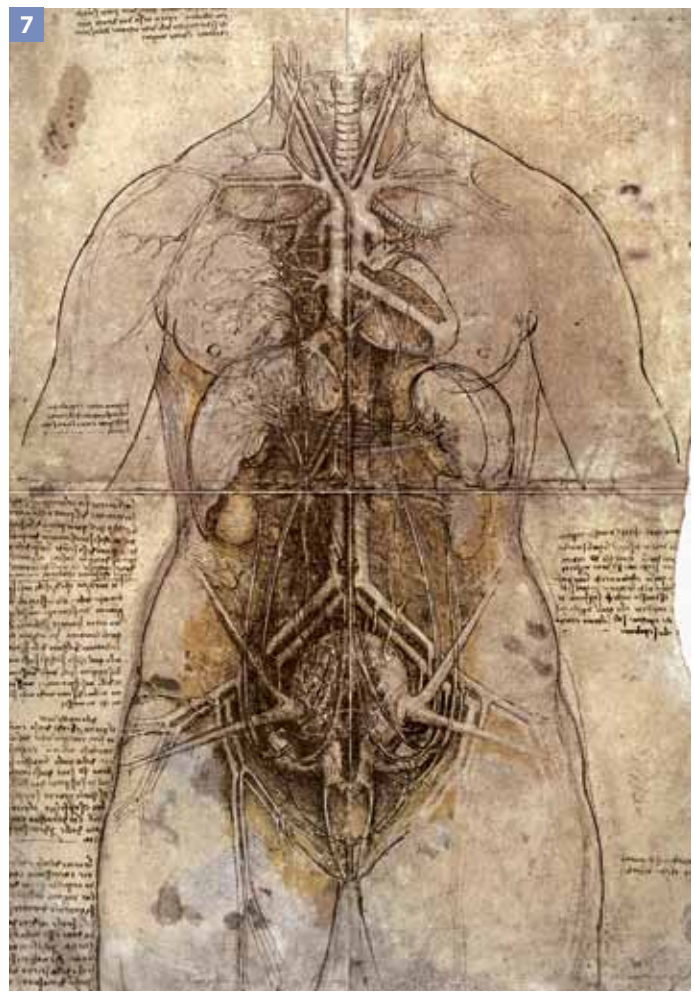
De maneira geral, a concepção dualista de corpo e mente, paixão e razão, sujeito e mundo perdurou por muito tempo e não se pode dizer que tenha sido extinta. A principal teoria do século XX que se opôs ao dualismo foi a fenomenologia.

A fenomenologia é a filosofia (e o método) que nasceu na Alemanha e teve como precursor Franz Brentano, no final do século XIX. Mas foi Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou suas principais linhas, abrindo caminho, no século seguinte, para Martin Heidegger, Karl Jaspers, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que se destacou por distinguir o **corpo objetivo** e o **corpo fenomenal**.

O corpo objetivo é o corpo material, fisiológico, objeto da ciência (figura 7). O corpo fenomenal não é qualquer corpo, mas meu corpo, como o percebo e o experimento; portanto, não se trata de algo "fora de mim", mas de um corpo vivo, situado no mundo.

Para melhor entender a relação consciência-objeto, a fenomenologia recorre ao conceito de **intencionalidade**. Não entenda **intenção** no sentido comum de "propósito de fazer algo", mas como a capacidade de "tender para", "apontar para". Assim, a consciência é sempre consciência *de* alguma coisa. Em outras palavras, não há pura consciência separada do mundo, mas toda consciência visa ao mundo, tende para as coisas do mundo. Ser uma consciência é, antes, ser uma experiência. E o corpo é o mediador, é nosso "ancoradouro em um mundo", como diz Merleau-Ponty.

Desse modo, a fenomenologia tenta superar não só o dualismo corpo-mente como



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 7 • Leonardo da Vinci (século XVI), em *Torso de mulher*, desenha o que aprendeu com as dissecações de cadáveres, até então proibidas. Esse é um exemplo do corpo como objeto.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

as dicotomias consciência-objeto e indivíduo-mundo, descobrindo, nesses polos, relações de reciprocidade. Afinal, o que é o corpo nessa perspectiva? Ele não se identifica com as "coisas" porque também é acesso às coisas e a si mesmo.

Se o corpo **não é coisa** nem obstáculo, mas integra a totalidade do ser humano, meu corpo não é alguma coisa que **eu tenho**: **eu sou** meu corpo. O corpo é o primeiro momento da experiência humana porque, antes de um "ser que conhece", o sujeito é um "ser que vive e sente", sendo essa a maneira de participar, com o corpo, do conjunto da realidade.

Glossário

Metáfora. Do grego *metaphorá*, "mudança", "transposição", é uma figura de linguagem que realiza a transposição do sentido próprio de uma palavra ao sentido figurado, estabelecendo uma comparação – por exemplo, quando dizemos estar com "uma fome de leão" ou que alguém tem "nervos de aço".

5.2 Integração corpo-consciência

Com o corpo nos engajamos na realidade de inúmeras maneiras possíveis: por meio do trabalho, da arte, do amor, do sexo, da ação em geral.

Ao estabelecer o contato com outra pessoa, revelo-me por gestos, atitudes, mímica, olhar, enfim, pelas manifestações corporais. Observando o movimento de alguém, não o vejo como um simples ato mecânico, de uma máquina, mas como **gesto expressivo**, nunca apenas corporal, porque o gesto diz algo e nos remete imediatamente à interioridade do sujeito (figura 8). Um olhar pode significar raiva, desprezo, piedade, súplica ou amor. De fato, o corpo do outro não é uma coisa qualquer, é um corpo **humano**. Do mesmo modo, o instrumento supõe o sentido que lhe conferimos: uma arma tem para o caçador um significado bem diferente do que lhe dá o assassino ou o revolucionário.

Figura 8 • Muito já se falou sobre o sorriso enigmático da *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci: tristeza, zombaria, malícia, recato? Independentemente de interpretações, sorrisos, olhares e gestos humanos sempre nos dizem algo.

8



MUSEU DO LOUVRE, PARIS

A sexualidade humana não é puramente biológica, separada da pessoa integral. Ela é, na verdade, **erotismo** – e sob esse aspecto constitui parte integrante do ser total. Merleau-Ponty cita o exemplo dado por W. Steckel, discípulo dissidente de Freud, para quem a frigidez quase nunca está ligada a condições anatômicas ou fisiológicas, mas traduziria um tipo de rejeição à condição feminina ou ao parceiro.

Poderíamos argumentar que, ao contrário dos exemplos anteriores, a dor e a doença seriam manifestações de pura corporeidade. Afinal, há uma objetividade na cadeira na qual demos uma canelada, e todo órgão afetado por alguma doença padece a ação de vírus ou bactérias. Há doenças hereditárias, defeitos congênitos. Tudo isso parece muito distante da ação da consciência. No entanto, aquilo que o corpo é nunca se separa do **sentido** que a pessoa dá à dor ou à doença ou do uso que faz dela.

Na obra *A doença como metáfora*, a filósofa americana Susan Sontag analisa a tuberculose e o câncer, não a enfermidade em si, mas a doença como **metáfora**. Posteriormente, retoma o espectro da aids e reflete sobre a tendência de estigmatizar as vítimas dessa doença, também anunciada como uma "praga".

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Inicialmente relacionada com os "grupos de risco", sejam usuários de drogas ou homossexuais – e, portanto, a modos de vida e de sexualidade inadequadamente ditas "desviantes" –, a aids foi vinculada a metáforas que a associam à culpabilidade e à condenação daquilo que era, para muitos, reprovável.

Assim como houve um processo de saudável desdramatização de doenças como a lepra (que passou a ser nomeada "hanseníase"), Susan Sontag espera que o mesmo aconteça com a aids, desde que se consigam desmascarar essas metáforas.

Que conclusão podemos tirar do conceito de intencionalidade, tão caro à fenomenologia? A compreensão que temos do corpo e da consciência, dos afetos, enfim, do mundo e dos outros nunca resulta da pura intelecção, mas depende do sentido que descobrimos em cada experiência, nos significados que decifamos ao perceber e sentir o mundo, o outro e nós mesmos.

6 A corpolatria

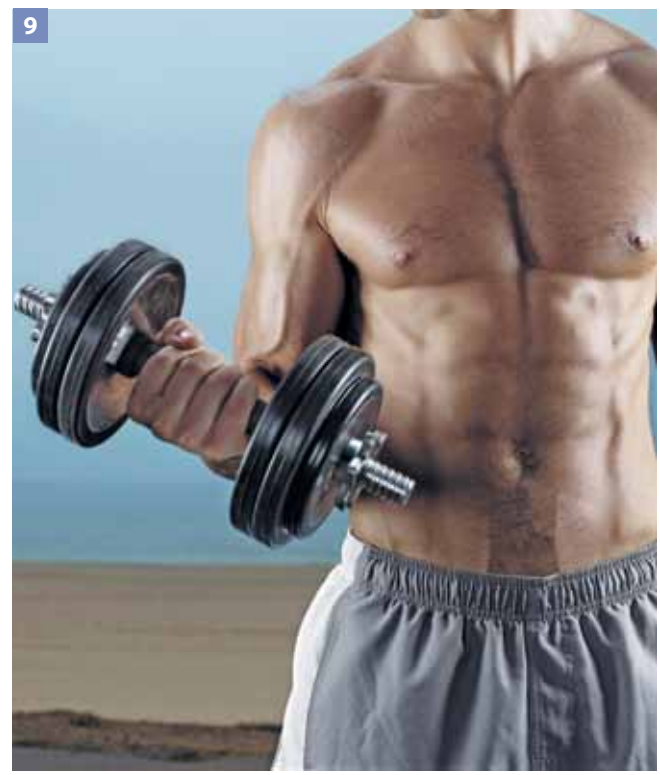
Após longa tradição de desvalorização do corpo e das paixões, de seu controle e normatização, surge a tendência aparentemente transgressiva da liberação e do resgate do corpo, até que, no final do século XX, dissemina-se o culto do corpo visando garantir a saúde, o bem-estar e a beleza.

Não estaria sendo recolocada a antiga dicotomia corpo-mente, só que agora de maneira invertida? O que se tem observado é o cultivo do corpo de modo cada vez mais impositivo, extrapolando as boas intenções de garantir saúde, bem-estar e beleza para resvalar na tirania das dietas alimentares, dos exercícios modeladores (figura 9), das massagens, das técnicas alternativas, da "construção do corpo" (*body building*) por meio de cirurgias plásticas que não terminam nunca. Trata-se do culto da juventude e da beleza pelas gerações que têm medo de envelhecer e morrer.

Em decorrência disso, vemos crescer um tipo de individualismo narcisista em que cada um vive para si próprio, na busca da realização aqui e agora dos desejos, movido pela ânsia de consumo em uma sociedade hedonista e permissiva.

O filósofo Gilles Lipovetsky analisa as mudanças de nosso tempo, por ele consideradas inevitáveis. Destaca aspectos positivos na nova ordem, na qual coabitam os fenômenos de massificação e de personalização, de individualismo exacerbado e de individualismo responsável. Por um lado, estaríamos ganhando autonomia e personalização, já que as respostas "não estão prontas", o que permite comportamentos alternativos. Nesse caso, basta conciliar a preocupação de si com a generosidade, no esforço para a construção de uma individualidade responsável pelo outro e pelo mundo.

Por outro lado, é o próprio Lipovetsky que adverte sobre a ambiguidade desses novos estímulos, que também podem levar a padronizações, quando sucumbem aos modelos do indivíduo "jovem, esbelto, dinâmico".



PATRIK GIARDINO/STONE/GETTY IMAGES

Figura 9 • O culto ao corpo é um fenômeno que não descarta a possibilidade da "morte do corpo" para o espírito.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

7 Reflexão final

Nesse retrospecto da concepção de corpo e de sua relação com a consciência – a alma ou o espírito, conforme o enfoque da época –, vimos o corpo como obstáculo na concepção platônica, como ocasião de pecado no ascetismo, como "coisa extensa" para Descartes.

Ao dualismo, opôs-se Espinosa no século XVII e a fenomenologia na época contemporânea. Apesar de terem variado no tempo, ainda hoje encontramos, na raiz das ações humanas – muitas vezes sem a consciência clara desses fundamentos –, a tendência de pessoas pensarem ou agirem de acordo com uma ou outra dessas teorias.

No estado atual das discussões filosóficas, embora não haja consenso, de maneira geral não prevalece o dualismo. O corpo não é visto como mera anatomia, mas como expressão de valores sexuais, amorosos, estéticos, éticos, ligados bem de perto às características da civilização a que pertencemos.

Cabe a nós discernir em que medida os padrões vigentes nos cerceiam e quanto podemos subvertê-los, segundo princípios, a serviço da liberdade e da melhor coexistência humana.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Faça um fichamento destacando, em cada momento histórico, a visão predominante a respeito da relação corpo-consciência.

Platão – dualismo corpo-mente: o corpo é ocasião de erro; as paixões devem ser subjugadas pela razão. Idade Média – dualismo: o corpo é ocasião de pecado. Descartes – dualismo: o corpo-máquina; a razão capaz de ideias inatas. Espinosa – superação do dualismo: teoria do paralelismo, não há hierarquia entre corpo e espírito. Fenomenologia – superação do dualismo: o corpo vivido é "nosso ancoradouro", não uma coisa, mas acesso às coisas.

2 O que significa a teoria do paralelismo em Espinosa?

Para Espinosa, a relação corpo-espírito não comporta hierarquia nem causalidade: um não é superior ao outro, nem é capaz de controle. Cada um expressa a mesma coisa, a seu modo: um pelos afetos, outro pela capacidade de produzir ideias. Em ambos, a alegria resulta daquilo que aumenta o ser (*conatus*). O aluno pode completar a explicação com exemplos.

3 Explique a reação da corrente fenomenológica à dicotomia corpo-consciência. Dê um exemplo.

Resposta pessoal.

Professor: Espera-se que o aluno dê exemplos diferentes dos citados neste capítulo. Quando olhamos uma montanha, dependendo de quem somos, a vemos como algo a escalar, como obstáculo, como beleza natural, como local para construir casas etc.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Sob que aspecto o dualismo corpo-consciência cartesiano não é da mesma natureza que o da teoria platônica?

Para Platão, a alma, quando aprisionada pelo corpo, divide-se em alma intelectiva e alma do corpo, e a primeira sempre será perturbada pela segunda. Já em Descartes, o corpo é uma substância extensa, de natureza material, que funciona segundo as leis da ciência. A *res cogitans* não depende do corpo para atingir as ideias inatas.

2 Leia o texto abaixo.

> Os filósofos concebem as emoções que se combatem entre si, em nós, como vícios em que os homens caem por erro próprio; é por isso que se habituaram a ridicularizá-los, **deplorá**-los ou, quando querem parecer mais morais, detestá-los (...). Tive todo o cuidado de não ridicularizar as ações dos homens, não as lamentar, não as detestar, mas adquirir delas verdadeiro conhecimento.
>
> ESPINOSA. *Tratado político*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 313-314. (Coleção Os Pensadores.)

A partir da citação de Espinosa, responda: por que esse filósofo inovou na compreensão do corpo e da alma ao criticar aqueles que deploram as paixões humanas?

Glossário

Deplorar. Lastimar, lamentar, mostrar desagrado.

Professor: Espinosa não estabelece hierarquia entre razão e paixão e não demoniza os afetos; por isso inova, ao contrariar a concepção tradicional pela qual as paixões devem ser dominadas pela razão.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Observe a foto, a explicação sobre ela e a citação de Merleau-Ponty. Em seguida, responda às questões propostas.



AFP PHOTO/GETTY IMAGES

Nas Olimpíadas de 1984, em Los Angeles (EUA), a maratonista suíça Gabrielle Andersen-Schiess cruzou a linha de chegada 23 minutos após a primeira colocada. Estava absolutamente trôpega, exausta, mas não desistiu, apesar da quase falência do corpo. Quando chegou, o público a aplaudiu de pé.

Veja o que diz Merleau-Ponty:

> Observou-se com profundidade que a dor e a fadiga nunca podem ser consideradas como causas que "agem" sobre minha liberdade, e que, se sinto dor ou fadiga em um momento dado, elas não vêm do exterior, elas sempre têm um sentido, elas exprimem minha atitude em relação ao mundo. (...) A fadiga não detém meu companheiro porque ele gosta de seu corpo suado, do calor do caminho e do sol e, enfim, porque ele gosta de sentir-se no meio das coisas. (...) Minha fadiga me detém porque não gosto dela, porque escolhi de outra maneira o meu modo de ser no mundo, e porque, por exemplo, não procuro estar na natureza, mas antes fazer-me reconhecer pelos outros.
>
> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 591.

a) Embora não saibamos exatamente que sentido teria para a maratonista suportar a tal ponto a fadiga, imagine algum motivo que a tenha levado a resistir até o fim.

Resposta pessoal.

b) Esse esforço extremo nos leva a refletir sobre os atletas que, para enfrentar as competições, ultrapassam os limites do próprio corpo ou fazem uso de *dopping*. Posicione-se a respeito.

Sabemos de casos de atletas que competem com dores e comprometem o corpo, sujeitando-se a cirurgias; ou outros que, para vencer, fazem uso de substâncias proibidas – o que ofende as regras do "jogo limpo", além de ser prejudicial ao organismo. O posicionamento é pessoal. Por trás da competição, existe uma rede empresarial de altos ganhos, que depende da vitória. Tanto é que o vice nem sempre é festejado: mas ele não seria igualmente valoroso?

Professor: Os alunos podem citar o espírito dos atletas, que precisam ir até o fim; competir, mesmo sem vencer; o desejo de superação; a confiança em suas forças; a obstinação; a recusa do fracasso etc.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dissertação

Leia os textos a seguir e depois responda ao que se pede.

> Vaidade, do latim *vanitas*, tem a mesma raiz de *vanus*, "vão", "oco", tanto no sentido literal como no figurado de "fútil", "inútil".

> Vaidade das vaidades, diz Eclesiastes, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade.
>
> Bíblia Sagrada. Antigo Testamento. Eclesiastes, 1,2.

> A vaidade está de tal forma arraigada no coração do homem que um soldado, um criado, um cozinheiro, um malandro, se gaba e pode ter seus admiradores; e os próprios filósofos pretendem o mesmo. E os que escrevem contra isso querem a glória de os ter lido; e eu, que escrevo isto, talvez tenha essa vontade, e talvez os que me lerem...
>
> PASCAL, Blaise. *Pensamentos*.
> São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 81. (Coleção Os Pensadores.)

> Quer dizer que tudo é vazio ou vão (...), enfim, que nada vale a pena de ser vivido nem desejado. Será verdade? Não há resposta absoluta; só há o desejo que temos ou não temos desses quase nadas que fazem nossa vida, felicidade e infelicidade, mas que ainda assim são verdadeiros e deleitáveis, para quem se deleita com eles, ou doloroso, para quem com eles sofre.
>
> COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*.
> São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 615.

Os trechos selecionados pertencem: à etimologia, à Bíblia, ao filósofo francês Pascal (1623-1662) e ao filósofo francês contemporâneo Comte-Sponville. Tendo em vista essas citações e o que você refletiu a respeito do corpo, sobretudo no momento em que vivemos, faça em seu caderno um relatório que sirva de apoio para você argumentar com os colegas o que pensa acerca do assunto.

Tema em aberto. Acrescentamos que Eclesiastes, título de um dos livros do Antigo Testamento, é o pseudônimo de um sábio e significa "o pregador". Pode-se abordar a vaidade do corpo ou o desejo de admiração e aplauso ou ainda de parecer melhor do que se é. O excessivo amor de si pode intensificar o egocentrismo, o narcisismo e a perda do verdadeiro contato com os outros. No entanto, não haveria casos de ser um sentimento humano próximo do sentir-se amado, reconhecido e respeitado? Ou ainda, de gozar pequenos prazeres ao lado das tarefas diárias?

Pesquisa

Faça em grupo um levantamento de artigos de revistas que ilustrem o fenômeno da corpolatria. Em seguida, com os mesmos colegas, elabore em seu caderno um relatório que servirá de apoio para a discussão do tema em classe.

Trabalho em aberto. Sugira a análise de propagandas, de artigos de revistas femininas, artigos que valorizam o corpo jovem, magro, bonito; o que significa, em um anúncio de emprego, "ter boa aparência"; a padronização e tirania da moda; a febre das academias e das cirurgias plásticas para mulheres e homens.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 2

Amar é uma arte?

1 O que é amor?

É difícil definir o amor, se pensarmos nas mais diversas conceituações que recebeu no correr da história humana, principalmente se levarmos em conta a especificidade desse sentimento, cujo sentido nos escapa (figura 1). Assim disse o filósofo francês Roland Barthes:

> Que é que eu penso do amor? Em suma, não penso nada. Bem que eu gostaria de saber *o que é*, mas estando do lado de dentro, eu o vejo em existência, não em essência. (...) Mesmo que eu discorresse sobre o amor durante um ano, só poderia esperar pegar o conceito "pelo rabo": por *flashes*, fórmulas, surpresas de expressão, dispersos pelo grande escoamento do Imaginário; estou no *mau lugar* do amor, que é seu lugar iluminado: "O lugar mais sombrio", diz um provérbio chinês, "é sempre embaixo da lâmpada".
>
> BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 50.

Professor: Observe se os alunos entenderam em que sentido Barthes se refere ao "mau lugar" do amor: "mau lugar" em relação à busca de compreensão racional, porque, quando amamos, estamos tão plenos de sensibilidade que nos tornamos os menos indicados para explicar o que é o amor.

Apesar dessas dificuldades, tentemos algumas delimitações do conceito. Em primeiro lugar, na linguagem comum, **amor** é usado em diversas acepções, desde as materiais – o amor ao dinheiro – até as religiosas, como o amor a Deus. Fala-se também do amor à pátria, ao trabalho e à justiça. É bem verdade que, em algumas dessas acepções, outros termos seriam mais apropriados, como o **desejo de posse** do dinheiro, o **interesse** ou **gosto** pelo trabalho, o **empenho moral** na defesa da justiça e assim por diante.

Figura 1 • O vínculo amoroso é complexo: exige que os dois, livremente, escolham estar juntos.



PATRIZIA TILLY/SHUTTERSTOCK

2 Tipos de amor

Distinguiremos três tipos de amor: *filía*, ágape e eros.

2.1 *Filía*

O termo grego *filía* (*philia*) geralmente é traduzido por "amizade". Trata-se do amor vivido na família ou entre os membros de uma comunidade (figura 2). Os laços de afeto que o expressam são, em tese, a generosidade, o desprendimento e a reciprocidade, isto é, a estima mútua.

Além desse sentido geral, distinguimos a amizade propriamente dita, quando um vínculo mais forte une pessoas que se escolheram pelo que cada uma é. Por isso, Aristóteles (385-322 a.C.) explica que "os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos". E conclui:

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



AAGAMIA/GETTY IMAGES

Figura 2 • A amizade é uma expressão cotidiana de amor que não deveria se extinguir na impessoalidade das relações contemporâneas.

Mas é natural que tais amizades não sejam muito frequentes, pois que tais homens são raros. Acresce que uma amizade dessa espécie exige tempo e familiaridade. Como diz o provérbio, os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem "**provado sal juntos**"; e tampouco podem aceitar um ao outro como amigos enquanto cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança nele. Os que não tardam a mostrar mutuamente sinais de amizade desejam ser amigos, mas não o são a menos que ambos sejam estimáveis e o saibam; porque o desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. VIII, 3, 1156b. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 382. (Coleção Os Pensadores.)

Glossário

Provar sal junto. Expressão que indica a convivência prolongada entre pessoas, ao citar o sal do alimento que ambos comem inúmeras vezes um ao lado do outro.

2.2 Ágape

Ágape, do grego *agápe*, significa "amor fraterno". Entre os cristãos primitivos, o termo designava as refeições fraternais, em que se reuniam ricos e pobres, daí o sentido de "caridade", de "amar ao próximo como a si mesmo".

Esse tipo de amor não exige reciprocidade, porque se ama sem esperar retribuição, assim como independe do valor moral do indivíduo que é objeto de nossa atenção (figura 3). Falando em termos laicos – não mais religiosos –, trata-se da benevolência universal, a fraternidade com a qual zelamos pelos outros.



EDUARDO GOMES/FOLHA IMAGEM

Figura 3 • Voluntários prestam ajuda às vítimas das enchentes em Santa Catarina, município de Navegantes (2008).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2.3 Eros

Eros refere-se às relações amorosas propriamente ditas. Diferentemente das outras expressões de amor citadas, a paixão amorosa está associada à exclusividade e à reciprocidade.

Neste capítulo, escolhemos tratar desse último tipo de amor.

3 Platão: o mito de Eros

4



RMN/RÉUNION DES MUSÉES NATIONAUX/OTHER IMAGES

Figura 4 • Na mitologia grega, Eros (Cupido, para os romanos) é representado por um belo jovem ou por uma criança travessa que flecha os corações para torná-los apaixonados. Detalhe de vaso grego, século V a.C., Museu do Louvre.

No diálogo *O banquete*, Platão relata um encontro em que os convivas discursam sobre o amor. Aristófanes, o melhor comediógrafo da época, conta o mito sobre a origem do amor. No início, os seres humanos eram duplos e esféricos, e os sexos eram três, um deles constituído por duas metades masculinas, outro por duas metades femininas, e o terceiro, andrógino, metade masculino, metade feminino. Por terem ousado desafiar os deuses, Zeus cortou-os em dois para enfraquecê-los. A partir dessa separação, cada metade buscou restaurar a unidade primitiva, de onde surgiu o amor recíproco. E como os seres iniciais não eram apenas bissexuais, foi valorizado o amor entre seres do mesmo sexo, sobretudo o masculino, como expressão possível desse encontro amoroso.

Dada a palavra a Sócrates, a discussão é focada no amor como anseio humano por uma totalidade do ser, representando desse modo o processo de aperfeiçoamento do próprio eu. Ele lembra então o diálogo que tivera com a sacerdotisa Diotima sobre a origem e a natureza de Eros (figura 4). Segundo ela, durante o aniversário de Afrodite, Eros nasceu de Poros (Expediente, Engenho ou Recurso) e de Pénia (Pobreza). Portanto, deve aos pais a inquietude de procurar sair da situação de pobreza e, por meio de expedientes, alcançar o que deseja: por isso, o amor é a oscilação eterna entre o não possuir e o possuir, é um **anelo** de qualquer coisa que não se tem e se deseja ter.

Pela boca de Sócrates, Platão estabelece uma relação entre Eros e a filosofia, de modo a não reduzir a busca do amor apenas à procura da outra metade que nos completa. Para ele, Eros é ânsia de ajudar o eu autêntico a se realizar, na medida em que a vontade humana tende para o Bem e para o Belo, quando subordina a beleza física à beleza espiritual. Nesse estágio, é capaz de se desligar da paixão por determinado indivíduo ou atividade, ocupando-se com a pura contemplação da beleza.

O amor intelectual é, portanto, superior ao amor sensível – e a isso chamamos "amor platônico". Se na juventude predomina a admiração pela beleza física, o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo ao descobrir que a beleza da alma é mais preciosa que a do corpo.

É importante observar que essa concepção deve ser compreendida de acordo com a teoria platônica de submissão do corpo à alma. Como vimos no capítulo anterior, Platão subordina as paixões à razão e, portanto, submete Eros ao **logos**.

Glossário

Anelo. Desejo intenso.

Logos. Do grego *logos*, "razão"; o primeiro sentido de *logos* era "palavra", como instrumento do pensamento.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Refletindo sobre o amor

Vimos que, diferentemente de outras expressões de amor citadas – *filía* e ágape –, a paixão amorosa está associada à exclusividade e à reciprocidade (figura 5). Diferentemente da tradição platônica, que caracteriza o ser humano sobretudo como racional, poderíamos vê-lo como "ser desejante", movido pelo impulso que busca o prazer e a alegria de conquistar o amado. O desejo, porém, não visa apenas alcançar o outro como objeto. Mais que isso, quer o reconhecimento do amado, capturar sua consciência, porque o apaixonado **deseja o desejo do outro**.

O amor é, portanto, um convite para sair de si. Se a pessoa estiver muito centrada nela mesma, não será capaz de ouvir o apelo do outro. É certo que a criança procura com naturalidade quem melhor preencha suas necessidades, mas, quando esse procedimento persiste na vida adulta, torna-se impedimento do encontro verdadeiro. Basta lembrar a lenda de Narciso, que, ao contemplar seu rosto refletido na água, apaixona-se por si próprio, o que causa sua morte, por se esquecer de se alimentar, tão envolvido se vê pela própria imagem inatingível. O narcisista "morre" na medida em que torna impossível a ligação com o outro.

O egocentrismo manifesta-se ainda na adolescência, na ambiguidade da passagem da vida infantil para a vida adulta. Por isso, o jovem muitas vezes não ama propriamente o outro, ser de carne e osso, mas ama o amor. Trata-se do amor idealizado, romântico, em parte fruto do medo de se lançar nas contradições do exercício efetivo do amor. O exercício do amor é conquista da maturidade.



THE GALLERY COLLECTION/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 5 • Não escolhemos por quem nos apaixonar: a paixão é uma emoção que arrebata, é forte mas fugaz. *O beijo* (1907), óleo sobre tela, de Gustav Klimt.

4.1 Sexualidade e erotismo

É de tal ordem a força desse impulso que foi necessário o controle dos instintos agressivos e sexuais para que a civilização pudesse existir. O mundo humano organizou-se com a **instauração da lei** e, consequentemente, com a **interdição**, pois as proibições estabelecem regras para tornar possível a vida em comum.

A sexualidade humana, no entanto, não é simplesmente biológica, não resulta apenas do funcionamento glandular nem se submete à mera imposição de regras sociais. Embora a atividade sexual seja comum aos animais, apenas os humanos a vivenciam como **erotismo**, como busca psicológica, doadora de sentido, independente do fim natural dado pela reprodução.

A sexualidade humana é a expressão do ser que deseja, escolhe, ama, que se comunica com o mundo e com o outro, numa linguagem tanto mais humana quanto mais se exprime de maneira pessoal e única. Portanto, Eros leva o indivíduo a sair de si para que, na intersubjetividade, na relação com o outro, possa realizar o **encontro**.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Uma aparente contradição

Quem ama busca o encontro, mas isso não significa que a meta alcançada represente algo estático. Muito pelo contrário, começa aí o caminho que será o tempo todo objeto de construção e reconstrução.

Se as pessoas são adultas e supostamente maduras, têm sua própria personalidade, que se caracteriza pela **autonomia** e **individualidade**. Ora, o encontro supõe o estabelecimento de **vínculos**, o que pode parecer contraditório: como é possível um vínculo em que as pessoas não sejam aprisionadas nem se dissolvam na união? Vejamos essas contradições.

5.1 Vínculo × liberdade

O fascínio é gerador de poder: o poder de atração de um sobre o outro. No entanto, tal "cativeiro" não pode ser entendido como ausência de liberdade, pois a união é condição de expressão cada vez mais enriquecida de nossa sensibilidade e personalidade: o amante **cativa** para ser amado livremente. É fácil observar isso na relação entre duas pessoas apaixonadas: a presença do outro é solicitada em sua espontaneidade, os dois escolhem livremente estar juntos. Mas e quando o poder exercido pelo amor ultrapassa os limites? Se a força do amor está na atração que um exerce sobre o outro, em que momento transforma-se em controle e manipulação?

Figura 6 • No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, o ciúme de Bentinho em relação a Capitu suscita, há mais de um século, dúvidas e debates quanto à paternidade de Ezequiel. Na imagem, cena do filme *Capitu* (1968), baseado no romance machadiano.


6

COLEÇÃO PARTICULAR

Muitas vezes, o controle resulta do ciúme. Temos ciúme porque tememos perder quem amamos (figura 6). Se esse alguém dá densidade a nossa emoção e nos enriquece a existência, sofremos até mesmo com a ideia da perda. Não queremos dizer que o ciúme não exista também nas relações maduras, mas isso não justifica que o "zelo" obstrua a liberdade do outro. Já o ciúme exacerbado é o desejo de posse e domínio integral do outro.

5.2 Vínculo × alteridade

Outro desafio das relações amorosas é conciliar vínculo e **alteridade**. Ou seja, o amor deve ser uma união, com a condição de cada um preservar a própria integridade; o amor faz que dois seres estejam unidos e, contudo, permaneçam separados. Manter a alteridade é "permanecer outro", é evitar a fusão, é exigir respeito, não no sentido moralista, nem como temor que resulta da autoridade imposta. Respeito é a capacidade de ver a pessoa como tal, reconhecendo sua individualidade singular, o que supõe aceitar a pessoa como ela é, e não como queremos que ela seja. O amor maduro é livre e generoso; portanto, funda-se na reciprocidade, não na exploração: o outro não é alguém de quem nos servimos.

Glossário

Alteridade. Do latim *alter*, "outro". Natureza de quem é diferente do outro.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

Segundo um relato da mitologia grega, um assaltante chamado Procusto aprisionava os viajantes e os adaptava a uma cama de ferro: se eram pequenos, os alongava; se eram grandes, os mutilava para que diminuíssem de tamanho. Quantos tiranos Procustos encontramos nos mais "ternos" namorados, ansiosos por adaptar o parceiro a sua própria medida?



A relação amorosa, como aspiração ao mesmo tempo de **desejo de união** e de **preservação da alteridade**, dimensiona a ambiguidade na qual o ser humano é lançado. Os sentimentos gerados também são ambíguos, na medida em que podemos experimentar amor e ódio por aquele que desejamos, ao constatarmos que, se muito ganhamos, há também o que perdemos. O não saber viver essa ambiguidade leva certas pessoas a procurar a fusão com o outro, da qual decorre a perda da individualidade, ou a recusar o envolvimento por temer a perda de si mesmo. Ao contrário, compartilhar a intimidade do outro deve ser um modo enriquecedor de afirmar a própria identidade (figura 7).

7



Figura 7 • Por que será que atualmente os vínculos amorosos são tão fáceis de se dissolver?

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 Amor e perda

O risco do amor é a perda, seja pela morte de um dos parceiros, seja pela separação. Esta última é dolorosa e difícil, por ser a vivência da morte numa situação vital: a morte do outro em minha consciência e minha morte na consciência do outro. Por exemplo, quando deixamos de amar ou não somos mais amados; ou, ainda, quando nos separamos por circunstâncias incontornáveis, apesar de o amor recíproco ainda permanecer vivo.

Quando a perda é sentida de modo intenso, a pessoa precisa de um tempo para se reestruturar, porque o tecido de seu ser passa inevitavelmente pelo ser do outro. Há um período de "luto", para só depois buscar novo equilíbrio. Uma característica dos indivíduos maduros é saber integrar a possibilidade da morte no cotidiano de sua vida.

Nos vínculos duradouros, diversas "mortes" ou perdas permeiam nossas vidas, porque ao longo do tempo a relação amorosa cria novas configurações. Talvez por isso haja os que evitam o aprofundamento das relações: preferem não viver a experiência amorosa para não ter de **viver com a morte**. É nesse sentido que o pensador francês Edgar Morin afirma:

Professor: A intenção da pergunta não é propriamente obter uma resposta, mas levantar hipóteses a respeito, uma vez que supõe análises complexas de outras áreas, como a sociologia e a psicologia.

Nas sociedades burocratizadas e aburguesadas, é adulto quem se conforma em viver menos para não ter que morrer tanto. Porém, o segredo da juventude é este: vida quer dizer arriscar-se à morte; e fúria de viver quer dizer viver a dificuldade.

MORIN, Edgar. Em: MATOS, Olgária. Reflexões sobre o amor e a mercadoria. *Discurso*, São Paulo, n. 13, p. 209, 1983.

7 Um enfoque cultural

As reflexões anteriores nos levam a crer que o amor diz respeito apenas aos indivíduos, o que é uma "meia-verdade". Sabemos que o ser humano busca sua individualidade como pessoa, mas também se encontra inserido em uma sociedade da qual faz parte. Mais que isso, essa inserção não é de sobreposição, mas é constituinte, porque nos humanizamos por meio da comunidade da qual recebemos a língua, os costumes, os valores.

É inevitável, portanto, que as relações amorosas sejam influenciadas por aspectos sociais e políticos. Já vimos no capítulo anterior como a relação corpo-consciência mudou com o transcorrer do tempo, sobretudo no que diz respeito à superação do dualismo.

No final do século XIX, Friedrich Nietzsche critica Sócrates por ter sido o primeiro a encaminhar a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Acrescenta que a tendência de desconfiar dos instintos culminou com o ascetismo cristão, que ele responsabiliza pelo processo de domesticação do ser humano, ao fazê-lo sentir-se culpado e fraco. Orienta-se, então, no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais, instintivas, subjugadas pela razão durante séculos.

Vejamos como alguns pensadores levantaram essas questões, que nos dão elementos de reflexão e conscientização.

7.1 Freud: a natureza sexual da conduta humana

O médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise, ao levantar a hipótese do inconsciente, desmente as crenças racionalistas segundo as quais a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos. Diante das forças conflitantes das **pulsões**, o indivíduo reage, mas desconhece os determinantes de sua ação. Caberá ao processo psicanalítico auxiliá-lo a recuperar o que foi silenciado pela repressão dos desejos.

Outra inovação da psicanálise encontra-se na compreensão da natureza sexual da conduta humana. A energia que preside todos os atos humanos é de natureza pulsional, pela qual Freud põe em relevo o conceito de **libido**. De difícil definição, a libido pode ser entendida como a pulsão da energia sexual, mais propriamente a manifestação dinâmica da pulsão sexual na vida psíquica. Na psicanálise, a energia das pulsões refere-se a tudo que podemos chamar de amor.

A sexualidade, para Freud, tem um sentido bastante amplo e não deve ser identificada apenas à genitalidade, isto é, aos atos que se referem explicitamente à atividade sexual. Uma das maneiras de reencaminhar as energias sexuais é a **sublimação**, pela qual a força primária da libido é desviada para um alvo não sexual caracterizado por atividades valorizadas socialmente (figura 8). Segundo a teoria freudiana, há libido investida em todos os atos psíquicos, o que nos permite encontrar prazer também em atividades que não são primariamente de natureza sexual. Exemplos de formas sublimadas da libido são o trabalho, o jogo, a investigação intelectual e a produção artística, entre outras.

Glossário

Pulsão. Na psicanálise, as pulsões são forças internas que provocam tensões. As pulsões são de diversas naturezas, entre as quais as sexuais e as de autoconservação.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



DANIEL FRASNAY/AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 8 • Na foto, Joan Miró pintando em seu estúdio, em Palma de Mallorca (Espanha, 1967).

Ao descrever o aparelho psíquico, Freud delimita três instâncias diferenciadas: o id, o superego e o ego.

- O id (do latim, "isto") constitui o polo pulsional da personalidade, o reservatório primitivo da energia psíquica; seus conteúdos são inconscientes, alguns inatos e outros recalcados.
- O ego (do latim, "eu") é a instância que age como intermediária entre o id e o mundo externo; em contraste com o id, que contém as paixões, o ego enfrenta conflitos para adequá-las pela razão às circunstâncias. Por isso, o ego é também a sede do superego.
- O superego (ou supereu) é o que resulta da internalização das proibições impostas pela educação, de acordo com os padrões da sociedade em que vivemos.

A relação entre essas três instâncias é dinâmica. O id orienta-se pelo **princípio do prazer** e, nesse sentido, o curso dos processos mentais é regulado para buscar o prazer e evitar a dor. Em contato com as normas sociais, porém, forma-se o superego, que interioriza as forças inibidoras do mundo exterior. O conflito entre as duas forças antagônicas – a busca do prazer e a exigência dos deveres – é resolvido pelo ego a partir do **princípio de realidade**. Ao levar em conta as condições impostas pelo mundo exterior, aprende-se a lidar com o desejo, decidindo sobre a conveniência de realizá-lo, de proibir sua satisfação ou de apenas adiá-la.

A cultura torna-se possível, portanto, pelo controle do desejo. Nem sempre, porém, a regulação da sexualidade é saudável e consciente, sobretudo quando as normas introjetadas no inconsciente impedem a decisão autônoma das pessoas. O processo de repressão ocorre quando o ego, sob o comando do superego, não toma conhecimento das exigências do id, por serem demasiadamente conflituosas e inconciliáveis com a moral – por isso, são rejeitadas, permanecendo no inconsciente. Entretanto, a energia não canalizada reaparece sob a forma de sintomas, muitas vezes neuróticos. A sexualidade se expressa numa relação ambígua de atração e repulsa, desejo e culpa.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Alguns exemplos são: perceber que a raiva pode ser sinal de amor ou então de inveja; que a extrema gentileza pode ser uma maneira de ocultar de si a própria agressividade; que a maledicência pode ser a projeção nos outros dos desejos que não se tem coragem de realizar.

Reflita

A ideia de que quanto mais conhecemos nossas motivações mais teremos controle sobre elas tornou-se, no século XX, uma concepção importante da psicanálise de Freud. Por exemplo, quantas vezes ocultamos de nós mesmos nossos impulsos por termos medo ou nos envergonharmos deles? Trazê-los à consciência, no entanto, é a melhor maneira de agirmos de modo autônomo. Você poderia dar um exemplo que corresponda à descoberta de algo que não queria ver ou sentir?

7.2 Marcuse: eros e civilização

No século XIX, exerceu-se um controle cada vez mais severo sobre o trabalhador fabril (figura 9). O princípio de adestramento do corpo, que o submetia à férrea disciplina, com jornadas de 14 a 16 horas em locais insalubres, fez que o trabalho não representasse apenas um freio para o sexo, mas que promovesse um processo de **dessexualização** e **deserotização do corpo**. Ou seja, quando o trabalho é instrumento de exploração econômica, dele é retirado todo prazer e possibilidade de humanização.

Nas décadas de 1960 e 1970, influenciado pelo marxismo e pela psicanálise, o filósofo alemão Herbert Marcuse indagava sobre a possibilidade de uma civilização não repressiva. Embora esperasse que o progresso tecnológico dilatasse o tempo livre e propiciasse melhores condições de trabalho, concluiu que, pelo menos naquele momento, isso seria impossível.

9



Figura 9 • As ideias próprias são uma ameaça aos contextos repressivos, por impedirem o condicionamento das pessoas.

Em *Eros e civilização*, Marcuse constata que as exigências da nova ordem industrial capitalista provocam uma **super-repressão**, intimamente ligada ao **princípio de desempenho**, segundo o qual o trabalhador interioriza a necessidade de rendimento, de produtividade, preenchendo funções preestabelecidas e organizadas em um sistema cujo funcionamento se dá independentemente da participação consciente de cada um. Assim, o ideal de produtividade da sociedade industrial faz-se por meio da repressão: "eficiência e repressão convergem".

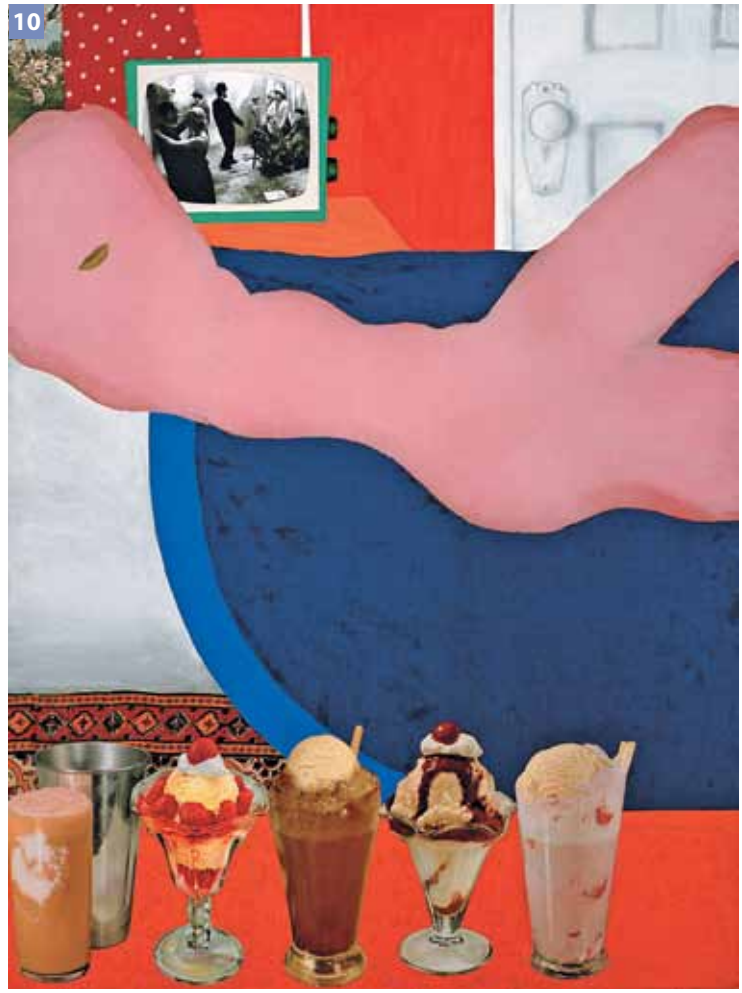
Poderíamos objetar que, a partir da década de 1960, com a chamada revolução sexual, deu-se a valorização da sexualidade, o que significaria, segundo

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

alguns, uma liberação. O capitalismo, no entanto, reagiu incorporando as novas tendências a fim de amenizar seus efeitos. Por exemplo, uma ampla produção de revistas, filmes, livros, peças teatrais atende ao interesse despertado pelas questões sexuais. Essa produção, porém, volta-se para um "novo filão" do consumismo: o sexo torna-se vendável e exposto como em um supermercado (figura 10). Ao examinar o conteúdo de tais publicações, percebe-se que, na verdade, simulam a liberação da sexualidade e reforçam preconceitos.

Para Marcuse, essa liberação é ilusória; na verdade, é um tipo de repressão mais sutil, visto que a sexualidade "liberada" é a **sexualidade genital**, isto é, a que se centraliza no ato sexual, o que denota empobrecimento da sexualidade humana, que deveria estar difusa não só no **corpo todo** como no **ambiente** e nos **atos não propriamente sexuais**. A canalização dos instintos para os **órgãos** do sexo impede que seu erotismo "desordenado" e "improdutivo" prejudique a "boa ordem" do trabalho e extravase os limites permitidos.

10



ALBUM AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 10 • O artista expõe a nudez ao lado de sorvetes e *milk-shakes*, indicando antecipadamente, no início da década de 1960, a sexualidade como objeto de consumo. *O grande nu americano*, Tom Wesselmam, esmalte e colagem sobre cartão, 121,9 × 91,4 cm.

7.3 Foucault: a microfísica do poder

Segundo Michel Foucault, autor de *História da sexualidade*, a civilização contemporânea fala muito sobre sexo, sobretudo a partir do discurso científico. Para ele, a ciência "naturaliza" o sexo, reduzindo-o a uma visão biologizante. Ao mostrá-lo como algo "natural", estabelece padrões sobre o que é normal ou patológico, classifica os tipos de comportamento, determina a **profilaxia** e aprisiona os indivíduos à última palavra do "especialista competente", por meio do qual o sexo é vigiado e regulado.

Foucault vai mais longe ao investigar de que maneira as instâncias do poder atuam sobre o indivíduo para criar modos de agir e de pensar, e conclui que a imposição de comportamentos passa pela domesticação e docilização do corpo.

Pela teoria da **microfísica do poder**, Foucault demonstra como a debilitação do corpo não depende necessariamente do aparelho do Estado ou de algum outro modo de dominação às claras, como a escravidão. Trata-se da ação de micropoderes que se exercem de maneira **difusa** nos mais diversos campos da vida social e cultural, no próprio seio da sociedade. O novo tipo de disciplina atua na organização do espaço, no controle do tempo e na vigilância, visando à padronização de comportamento.

Marcuse e Foucault, por caminhos diferentes, desvendam o controle sobre o corpo e sobre a sexualidade, mesmo quando ela aparece como "normal" ou "liberada". Perguntamos: pode-se falar em autonomia com tão alto controle social?

Glossário

Profilaxia. Parte da medicina que trata da preservação da saúde por meio de práticas de higiene e de prevenção de doenças.

Difuso. Espalhado em todas as direções, não centralizado.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

8 O amor no mundo contemporâneo

Com o desaparecimento das sociedades tradicionais, cujos costumes envolviam fortes relações entre as pessoas, criou-se, nos centros urbanos muito populosos, o fenômeno da "multidão solitária": as pessoas estão lado a lado, mas suas relações são de contiguidade, seus contatos dificilmente se aprofundam, tornando-se mais raro o encontro verdadeiro (figura 11).

Reflita

Discuta com seu colega se a intensificação das relações virtuais via internet tem facilitado o encontro ou se, ao contrário, tem tornado mais escasso o contato pessoal.

Professor: A charge satiriza o distanciamento provocado pelas novas mídias, como a internet, que dificulta o contato pessoal, seja na família, seja em outros espaços. Lembre a seus alunos que, além disso, com a possibilidade do trabalho em domicílio, as pessoas perdem contato com seus companheiros de empresa.

Figura 11 • A charge foi usada em um vestibular da UFMT. Uma das questões a respeito dela era: "Com base no texto, explique a relação de causa/efeito existente entre mundo virtual e familiar".

11



Querido Andy:
Como você tem estado?
Sua mãe e eu estamos bem. Sentimos sua falta. Por favor, desligue o seu computador e venha aqui para baixo para comer algo.
Com amor, Papai.

Disponível em: <http://64.4.18.250/cgi-bin/getmsg>.
Acesso em: 18 fev. 2005.

Glossário

Hedonismo. Do grego *hedoné*, "prazer". Segundo alguns filósofos, como Epicuro, o prazer é o soberano bem e o princípio da vida moral.

Narcisismo. Amor excessivo pela própria imagem, atitude de autocentramento.

Não só as relações entre duas pessoas (no clássico encontro amoroso) encontram-se empobrecidas. O afrouxamento dos laços familiares – não importa aqui analisar as causas nem procurar a validade da situação – lançou os indivíduos em um mundo onde cada um conta apenas consigo mesmo.

Outro aspecto da contemporaneidade é que vivemos uma época **hedonista** e individualista, voltada para o consumo e marcada pelo **narcisismo**. Ora, a busca de prazer imediato e a recusa em suportar frustrações são comportamentos que não se conciliam com o delicado trabalho de uma relação amorosa, a ser construída ao longo da convivência entremeada pelas contradições a que já nos referimos.

No mundo da satisfação imediata, do prazer aqui e agora, o desejo de emoções fortes substitui os amores cuja intensidade passional se atenua com o tempo, pois a paixão é fugaz por natureza. Se as pessoas cada vez mais têm medo da dor, do sofrimento, do risco de perda, o que resulta são relações superficiais, os "amores breves".

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Distinga os três tipos de amor: *filía*, ágape e eros.

Filía é a amizade propriamente dita e também os laços que unem os membros da família ou de uma comunidade, e se caracteriza pela estima mútua. Ágape é o "amor fraterno", mesmo para pessoas desconhecidas, e não exige reciprocidade. Eros é a relação amorosa propriamente dita, associada à reciprocidade e à exclusividade.

2 O que é o amor platônico?

É o amor espiritualizado, intelectual, que supera a dimensão da sensibilidade e das paixões. Por exemplo, mais que a beleza de um corpo concreto, ama-se a ideia de beleza.

3 Por que a noção de vínculo amoroso traz em si uma aparente contradição?

Porque vínculo supõe ligação, mas com a condição de os parceiros continuarem livres, o que pode denotar contradição.

4 O que Marcuse quer dizer com "eficiência e repressão convergem"?

Como a sociedade capitalista visa ao lucro, ela precisa de produtividade e de eficiência, o que supõe a adesão irrestrita das pessoas. Como o apelo da vida erótica é muito forte, é preciso encontrar mecanismos de repressão, só que, agora, pela canalização do erotismo para o consumo da sexualidade genital, empobrecida, "deserotizando" outras áreas, como o trabalho.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Utilize o mito de Procusto para explicar um dos aspectos defendidos pelas feministas, no que diz respeito às relações homem-mulher.

A tradição milenar dessa relação é de superioridade do homem e, portanto, de "ajustar" a mulher à "cama de Procusto", definindo seu comportamento, suas ideias, e impedindo-a de ser ela mesma.

2 É adequada a introdução da disciplina Educação Sexual no currículo do ensino fundamental e médio? Algumas pessoas argumentam que seriam favoráveis a isso "desde que as informações sejam estritamente científicas e restritas à biologia". Qual é sua posição sobre essa orientação? Justifique.

Tema complexo, porque é impossível tratar a sexualidade humana como algo puramente natural. A sexualidade humana não é puramente biológica, ela é erotismo, no sentido de não resultar de puro instinto: é uma linguagem pela qual as pessoas se comunicam de muitas maneiras, estabelecendo normas morais de conduta – ou recusando outras. Nesse tipo de aula não se devem indicar caminhos, mas proporcionar espaço de discussão de valores, favorecendo o pluralismo e desfazendo preconceitos.

3 Comente a frase de Erich Fromm:

> O amor infantil segue o princípio: "Amo porque sou amado". (...) O amor imaturo diz: "Amo porque necessito de ti". Diz o amor maduro: "Necessito de ti porque te amo".
>
> FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960. p. 65-66.

Professor: Erich Fromm (1900-1980), alemão de nascimento e radicado nos Estados Unidos, foi um dos filósofos frankfurtianos. Muitos falsos amores derivam do comportamento infantil de amar quem nos serve, ou seja, de quem precisamos ou dependemos: nesse caso, o vínculo deixa de ser de igualdade e companheirismo, estabelecendo-se uma relação assimétrica. A maturidade supõe amar o outro por ele mesmo, e não pelos benefícios e proteção que nos garante.

4 A partir do poema, discuta com seus colegas os desencontros amorosos.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Reunião*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 191.

Professor: O amor erótico exige reciprocidade, o que não ocorre no poema, que brinca com a dificuldade do encontro verdadeiro, em que ambos se amam. É interessante observar que todos os personagens são indicados por prenomes, só o último tem nome completo, que mais parece nome de empresa. Mais curioso é que apenas Lili, que não amava ninguém, casou-se. O título "Quadrilha" talvez se deva à antiga dança com casais, que teria influenciado nossa dança junina.

Dissertação

A censura geralmente é mais rigorosa com os filmes e revistas sobre sexo do que com os sobre violência. Em que sentido o erotismo seria "mais perigoso" para o sistema? Em seu caderno, faça anotações usando os conceitos de Foucault. Em seguida, use essas ideias para redigir um texto com seu ponto de vista pessoal.

Professor: Para Foucault, a domesticação e docilização do corpo passa pelo controle da sexualidade, porque a energia do sexo deve ser desviada para o trabalho na sociedade capitalista. Mas essa censura representa a repulsa que estaria difusa nos diversos campos da vida social – os micropoderes. Daí as pessoas se sentirem mais escandalizadas com as cenas de sexo do que com as de violência.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 3 Aprender a morrer

1 A morte como enigma

Por que o título do capítulo é "Aprender a morrer"? Parece contrassenso dizer que a morte, essa desconhecida, pode ser objeto de aprendizagem. No entanto, é assim que Sócrates refere-se ao filósofo, cuja única ocupação consistiria em se preparar para morrer. Na mesma linha, Montaigne, na obra *Ensaios*, cita um filósofo e orador romano: "Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão se preparar para a morte".

Evidentemente, não se trata de pensar na morte de maneira mórbida, mas sim em, diante de sua inevitabilidade, poder aceitá-la com serenidade, revendo os valores e o modo pelo qual vivemos, distinguindo o fútil do prioritário.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1



HENRI DAUMAN/ANDY WARHOL FOUNDATION/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 1 • Jacqueline Kennedy, irradiando felicidade, de repente vê-se transformada numa viúva enlutada. Esta serigrafia de Andy Warhol (1964) invoca o contraste entre plenitude e perda, polos inseparáveis da vida humana.

Glossário

Carpe diem. Expressão usada pelo poeta latino Horácio (I a.C.). Literalmente, quer dizer "colha o dia", ou seja, aproveite o momento. Assim ele começa o poema: "Colha o dia, confie o mínimo no amanhã".

Nirvana. Termo em sânscrito que significa literalmente "perda do sopro", representado pela extinção do eu no Ser (em Buda ou em Brahma). O nirvana não é um lugar, mas um estado da mente de "supremo apaziguamento": cessam os desejos e sofrimentos e escapa-se das transmigrações da alma, isto é, de sucessivas reencarnações.

Há pessoas que só reavaliam sua maneira de viver em situações-limite, como doença grave, sequestro ou uma ameaça qualquer que revele, de modo contundente, a fragilidade da vida (figura 1). Outros preferem não pensar na morte, porque a veem como aniquilamento, ao admitir que nada existe depois dela. Como viveríamos a partir dessa hipótese? Para alguns, gozando o momento presente, conforme a exaltação do ***carpe diem*** romano.

Como passagem para outra vida, como aniquilamento ou de acordo com inúmeras outras interpretações possíveis, a morte é um enigma que nos assombra desde sempre. Estudos a respeito dos primórdios de nossa civilização relacionam o registro dos sinais de cultos funerários ao aparecimento das primeiras angústias metafísicas (figura 2). Sob esse aspecto, a morte é a fronteira que não representaria apenas o fim da vida, mas o limiar de outra realidade.

A morte daqueles que amamos e a iminência de nossa morte estimulam a crença a respeito da imortalidade ou de algum tipo de continuidade da vida, como a reencarnação. Por isso, o recurso à fé religiosa aplaca o temor diante do desconhecido, oferece um conjunto de convicções que orienta o comportamento humano diante do mistério e prescreve maneiras de viver para garantir melhor destino à alma. Desse modo, a angústia da morte leva à crença no sobrenatural, no sagrado, na vida depois da morte.

2



HENRY ROMERO/REUTERS/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 2 • As cerimônias e os rituais relacionados à morte podem ajudar os parentes e amigos a atravessar o período de luto. Cidade do México, Dia dos Mortos (2 de novembro de 2008).

Com o amparo da fé, a morte representa a passagem para a vida eterna no Paraíso, para outro tipo de vida, humana ou animal, ou para o **nirvana**, conforme a religião.

Ainda que a fé continue como um farol para muitos, o que discutimos neste capítulo são as reflexões filosóficas sobre a morte. Se a filosofia é uma das expressões da transcendência humana, pela qual buscamos o sentido de nossa existência, a morte não lhe pode ser estranha.

Reflita

A teologia (do grego *theos*, "deus", e *logos*, "estudo") trata dos entes sobrenaturais que conhecemos pela revelação divina. A filosofia recorre a conceitos explicitados por argumentos, mesmo quando o próprio filósofo é uma pessoa religiosa. Qual é, então, a diferença entre o conhecimento pela fé e pela razão?

Professor: Explique que a fé, do ponto de vista religioso, é uma graça, e a adesão a ela descarta a dúvida. A razão investiga, duvida, argumenta e supõe pontos de vista diferentes.

2 O tabu da morte

As sociedades tradicionais, fortemente marcadas pela vida comunitária, são sociedades relacionais, nas quais as pessoas encontram-se inseridas numa totalidade que lhes dá suporte, em que uma série de cerimônias e rituais cerca os acontecimentos do nascer, casar e morrer. Não se pense que seria fácil morrer, porém a morte era aceita de modo mais natural, como parte do cotidiano das pessoas.



2008 THE MUNCH MUSEUM/THE MUNCH-ELLINGSEN GROUP/ARTISTS RIGHTS SOCIETY (ARS), NY

Figura 3 • Antigamente era mais comum morrer em casa, e a agonia do enfermo era acompanhada por parentes e amigos. *No leito de morte* (1893), E. Munch, óleo sobre tela, 134,5 × 160 cm.

É interessante lembrar que, ainda na primeira metade do século XX, o moribundo permanecia em casa e tinha consciência de estar morrendo, porque nada lhe era ocultado (figura 3). Após o desenlace, o morto era velado, inclusive com a presença de crianças, a viúva usava roupas pretas por um ano inteiro, e o viúvo, uma tarja preta no braço ou no bolso da camisa.

Esses costumes mudaram a partir de meados do século XX, como resultado do processo de urbanização e de industrialização. A grande cidade cosmopolita destruiu os antigos laços e fragmentou a comunidade em núcleos cada vez menores, acelerando o processo do individualismo. Consequentemente, mudou o sentido da morte.

No mundo urbano contemporâneo, quando alguém morre é mais comum que seja velado em espaços anexos a hospitais ou cemitérios, para onde não são levadas crianças, que crescem à margem dessa realidade da vida. O historiador francês Philippe Ariès aborda essas questões no clássico *História da morte no Ocidente*. Nesse livro, cita o sociólogo Geoffrey Gorer, que escreveu um estudo com o título provocativo "A pornografia da morte" para se referir à morte como tabu, substituindo o sexo como principal interdito.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 É legítimo deixar ou fazer morrer?

O ritmo acelerado do sistema de produção e serviços nas últimas décadas do século XX obrigou as pessoas ao trabalho intenso, longe de casa, o que dificulta o atendimento a idosos e doentes. A medicina, cada vez mais especializada, ocupa-se desses "marginais" da sociedade – porque reduzidos à improdutividade –, instalados em "casas de repouso" ou, nos casos mais graves, em hospitais, para serem mais bem-assistidos.

Se, por um lado, técnicas avançadas e ambientes assépticos prolongam a vida, por outro lado não se escapa à solidão e à impessoalidade do atendimento. Os enfermeiros e médicos são eficientes, mas o moribundo encontra-se afastado da mão amiga, da atenção sem pressa nem profissionalismo. É bem verdade que esse quadro é real para os que têm acesso a bons hospitais e medicação adequada, o que não vale para a maioria da população de baixa renda.

Às vezes, porém, a mesma tecnologia é capaz de adiar a morte de quem não mais teria chance de sobreviver. Não faltam exemplos de pessoas que ficam meses ou anos em estado de vida precário e até vegetativo, sem que se possam desligar os aparelhos que as mantêm vivas. O grande problema, contudo, encontra-se no período em que a vida tornou-se insuportável, em razão da dor, do sofrimento ou da irreversibilidade da doença. As soluções propostas – muitas vezes colocadas em prática – têm despertado discussões apaixonadas e exigido reflexões éticas.

Vejamos algumas delas.

3.1 O cuidado paliativo

Geralmente, a assistência médica mantém artificialmente a vida, prolongando o sofrimento de doentes terminais. Por isso, já existem instituições que adotam a medicina **paliativa**, um tipo de atendimento aos pacientes incuráveis, que não apressa nem retarda a morte, mas visa aliviar a dor, dar o conforto possível ao doente, evitando a terapêutica invasiva. Alega-se que, pelos critérios de justiça e benevolência, aliados aos conhecimentos médicos, seria possível reconhecer o momento para esperar que a morte venha naturalmente, sem adiá-la inutilmente por meios artificiais.

Não existe, porém, unanimidade em acatar essa orientação por parte de médicos e familiares. E, mesmo quando é aceita, resulta de um debate ético entre médicos, parentes e o doente, quando ele ainda se mantém lúcido.

3.2 A eutanásia

Diferentemente dos cuidados paliativos, a **eutanásia** é uma maneira de provocar a morte deliberadamente, seja de um doente terminal ou de alguém que deseja morrer em razão da doença crônica que tornou a vida insuportável. Em ambos os casos, a motivação alegada para realizar a eutanásia é a compaixão, o não deixar sofrer quando o sofrimento é excessivo.

A eutanásia pode ser ativa ou passiva: ativa, quando uma ação provoca a morte; ou passiva, ao serem interrompidos os cuidados médicos, desligando-se os aparelhos.

Do primeiro tipo, lembramos o caso real do espanhol Ramón Sampedro, que lutou judicialmente pela autorização da eutanásia, sem sucesso. Religiosos e familiares eram contra a solução extrema, mas Ramón foi ajudado por uma amiga a consumar o que ele próprio chamava de "morte digna" (figura 4).

Glossário

Paliativo. Que atenua ou alivia um mal temporariamente.

Eutanásia. Do grego *eús*, "bom", e *thanatos*, "morte", literalmente "boa morte". O termo foi introduzido pelo filósofo inglês Francis Bacon, no século XVII.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Como exemplo de eutanásia passiva, o caso da americana Terry Schindler Schiavo foi vastamente divulgado pela mídia em 2005. Ela tinha 41 anos e havia 15 encontrava-se em coma vegetativo, ligada a sondas que a mantinham viva. A luta judicial foi conturbada, porque o pedido para desligamento dos aparelhos, feito pelo marido, tinha a discordância dos pais dela. Finalmente, a justiça concedeu a autorização.



SOGECINE/HIMENOPTERO/UGC IMAGES/EYESCREEN/ALBUM/LATINSTOCK

Figura 4 • O filme *Mar adentro* relata o caso real de Ramón Sampedro, que ficou tetraplégico durante 29 anos após sofrer acidente em um mergulho.

Prós e contras

A eutanásia tem suscitado questões éticas radicais, porque o tema é complexo e exige a participação multidisciplinar de biólogos, médicos, juristas, filósofos, teólogos, intelectuais, cidadãos, mas principalmente dos protagonistas dessas situações dramáticas. O debate é sempre acirrado, sobretudo devido aos antagonismos muitas vezes inconciliáveis. Vamos citar apenas alguns dos argumentos mais comumente usados.

- Os argumentos mais difíceis de contraditar são os de caráter religioso, quando a eles se opõem os que recorrem apenas a critérios laicos. Por exemplo, esperar por um milagre ou dizer que a vida é sagrada são teses de fé, mas evitadas pelos que reivindicam o direito de avaliar moralmente as perspectivas de futuro do doente terminal, caso elas sejam de sofrimento e dores insuportáveis.
- Alguns dizem que a morte é um mal e a vida é um bem, motivo pelo qual não se pode escolher matar. Outros discordam, afirmando que, se a morte é um mal, passa a ser um bem quando a vida se transforma em um mal, por não oferecer condições de atividades elementares que a tornam digna.
- Para outros, a eutanásia, seja passiva ou ativa, é sempre um crime, sujeito a julgamento. Há os que a distinguem do homicídio, por ser um ato que não se orienta pelo ódio, mas pela compaixão, a fim de evitar o prolongamento da dor em situações irreversíveis. Sobre esse argumento, é preciso lembrar que atualmente, na maioria dos países, a eutanásia é de fato crime; na medicina brasileira, ela está vetada por seu código **deontológico**. No entanto, há países em que existe legislação para regular a prática da eutanásia, entre eles Holanda e Bélgica, além de outros que a restringem a casos específicos. Os critérios para essa discriminação são bastante rigorosos, a fim de evitar abusos, desvios de intenção, oportunismo e má-fé.
- Mesmo que houvesse aprovação da eutanásia, há risco de ser errada a previsão de irreversibilidade da situação do paciente quando, por exemplo, após longo tempo, ele poderia voltar de um coma profundo. Em contraposição, argumenta-se que a opção pela eutanásia requer avaliações médicas rigorosas e responsáveis que eliminariam essa hipótese.

Em que pesem esses confrontos, vale lembrar que os valores não são dados de uma vez por todas e merecem ser discutidos de modo desapaixonado – se isso for possível em casos como esses –, a fim de que os recursos da alta tecnologia médica sejam usados para o bem dos pacientes e não em seu prejuízo.

Glossário

Deontologia. Do grego *deon, ontos*, "o que fazer", que sugere a ideia de "dever" diante de uma prática. Trata-se do conjunto de deveres ligados ao exercício de uma profissão, ou seja, seu código de ética.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 A negação da morte

Hoje, com o avanço da ciência, há aqueles que desejam driblar a doença e a morte e pagam fortunas para congelar o corpo, na esperança de ser encontrada a cura para sua doença letal e, assim, possam "renascer" (figura 5).



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE

Figura 5 • Desde a Antiguidade havia ritos de preservação do corpo, como é o caso das múmias egípcias, que eram embalsamadas na esperança de que o espírito voltasse ao corpo.

Recorrem então à **criogenia**, processo de alta tecnologia usado para resfriar materiais a baixíssima temperatura. São inúmeras suas aplicações, sobretudo em medicina, e a mais conhecida do público é a de congelamento de embriões em clínicas de fertilização. Depois de descongelados e implantados no útero, a gestação segue o curso natural.

Nos Estados Unidos, o congelamento de seres humanos começou a ser conhecido na década de 1960. Muitas pessoas, principalmente aquelas que iam morrer de doença incurável, pagaram altos preços para se submeter ao processo e garantir sua manutenção pelo tempo necessário.

Glossário

Criogenia. Do grego *kryos*, "frio", e *geneia*, "gerar": aquilo que gera o frio.

Reflita

Sabe-se hoje que ainda está distante a técnica para "ressuscitar" o morto submetido à criogenia. Pensando do ponto de vista antropológico: que mundo uma pessoa congelada em 1980 haveria de encontrar em 2040, caso o procedimento fosse um sucesso? Faça, em grupo, um exercício de imaginação e descreva os primeiros dias dessa criatura "ressuscitada".

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Aqueles que morrem mais cedo

Costuma-se dizer que a morte é democrática por ser um acontecimento que atinge a todos: velhos, moços, crianças, ricos e pobres. No entanto, há pessoas assassinadas, as que se suicidam, que são vítimas de desastres em razão de imprudência – própria ou alheia –, como nos acidentes de trânsito.

Há, porém, outros "assassinatos" menos espetaculosos que passam quase despercebidos e que nem por isso são menos perversos. É o caso da população mais pobre de países com má distribuição de renda, com altas taxas de mortalidade infantil, alimentação inadequada, falta de saneamento básico e precariedade do sistema de saúde, tanto para prevenir doenças como para tratá-las. Além disso, a péssima divisão de terras em um país como o Brasil, que ainda não finalizou a reforma agrária, provoca disputas que resultam em violência e assassinatos no campo. Estatísticas indicam o crescimento dos índices de homicídio de jovens de até 19 anos por causa do narcotráfico.

A história, com suas guerras e massacres, não nos deixa esquecer as pessoas que perderam a vida precocemente, algumas por ideais, outras obrigadas a lutar por causas que desconheciam ou nas quais nem acreditavam. Mas nada foi similar à experiência dos *gulags* soviéticos e dos campos de extermínio nazistas. A filósofa Hannah Arendt usou a expressão "banalidade do mal" para se referir à violência levada a efeito por funcionários que matavam milhões de pessoas sem se sentirem culpados, sob a alegação de estarem cumprindo ordens. Trata-se da renúncia de qualquer reflexão ética diante do horror indizível do genocídio.

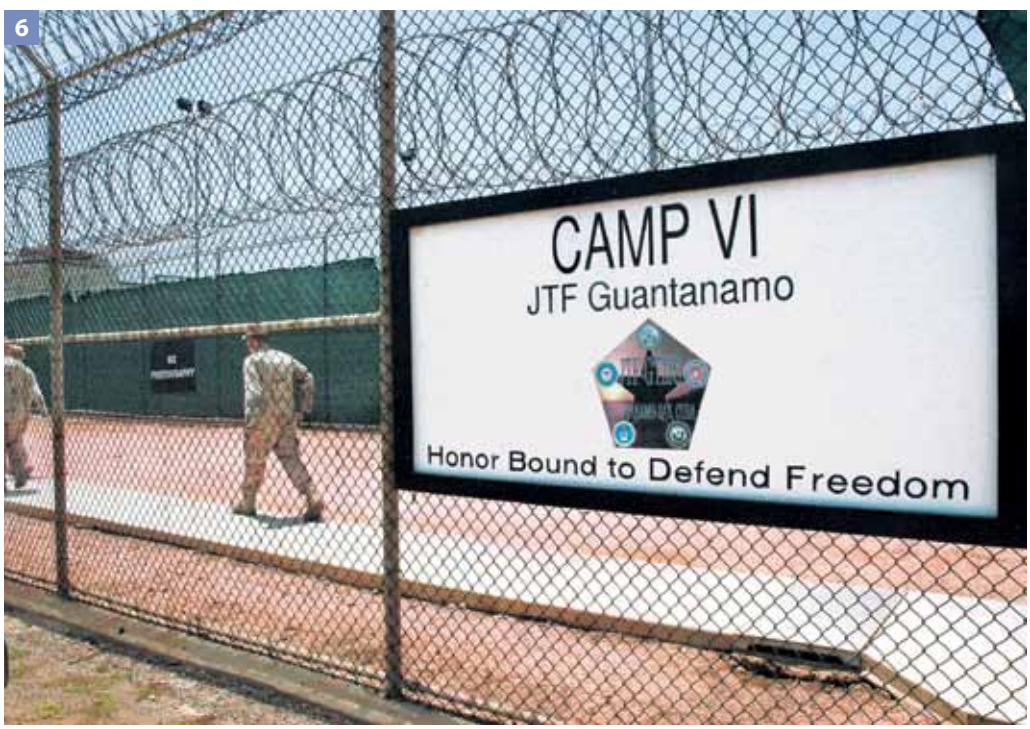
A filósofa temia que as práticas típicas de governos totalitários se estendessem além daquele período, o que faz sentido quando deparamos hoje com movimentos neonazistas atuando de modo violento contra imigrantes de países pobres que buscam emprego na Europa, ou quando vemos, estarrecidos, as fotos de sessões de tortura na prisão americana de Abu Ghraib (no Iraque) ou na base de Guantánamo (em Cuba), em que os detentos ficam em celas que mais parecem "gaiolas" (figura 6).

Glossário

Gulags. Instituições penais de trabalhos forçados da então União Soviética e que serviam de campos de concentração para os dissidentes do poder.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6



RANDALL MIKKELSEN/REUTERS/LATINSTOCK

Professor: Guantánamo é uma região de Cuba cedida aos Estados Unidos desde o final do século XIX para servir de base naval. Em 2002, em represália aos ataques terroristas, a base transformou-se em prisão para abrigar centenas de detentos de várias nacionalidades, sobretudo iraquianos e afegãos, sem acusação formal nem proteção jurídica, em evidente violação às leis internacionais.

Figura 6 • O filósofo italiano Giorgio Agamben define como "vida nua" aquela que, pelo poder político, foi excluída das proteções jurídicas e roubada em toda dignidade, até ser reduzida à mínima sobrevivência biológica. Base naval americana em Guantánamo, Cuba (2008).

Glossário

Ecoética. Ou ética ambiental, ramo da recente reflexão filosófica denominada ética aplicada, que discute os aspectos éticos das relações humanas com a natureza.

6 O sofrimento da natureza

Durante muito tempo, os recursos naturais foram explorados visando às necessidades dos seres humanos, orgulhosos de dominar a natureza por sua inteligência e saber. Com o desenvolvimento das ciências e da industrialização, ocorreu uma reviravolta de que não se teve notícia similar em milênios: aos benefícios do progresso acelerado, contrapôs-se uma realidade sombria, com os efeitos de uma lenta mas progressiva destruição da natureza.

Os sinais mais evidentes alarmaram os cientistas e estimularam as discussões sobre ecologia e **ecoética**, estudos que se concretizaram na década de 1970. O grande perigo que atemorizava tinha muitas faces: erosão do solo, poluição das águas e do ar, aumento do efeito estufa, chuvas ácidas, acúmulo de materiais não biodegradáveis, lixo atômico e eletrônico, espécies de fauna e flora em extinção, diminuição da diversidade biológica. Enfim, a degradação ecológica (figura 7).

7



Figura 7 • Se não houver mudanças na relação humana com o ambiente, o risco é a terra tornar-se improdutiva. Na imagem, campanha de 2008 da ONG WWF, com a mensagem "Antes que seja tarde".

REPRODUÇÃO

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Hoje critica-se o ideal desenvolvimentista que valoriza o progresso a qualquer custo. As atenções estão voltadas para a sustentabilidade, que respeita o equilíbrio do ambiente.

Os seres humanos e animais já sofrem as consequências funestas dessa situação, como doenças, muitas vezes letais. Além disso, furacões, inundações e outros desastres naturais têm ocorrido com mais intensidade e frequência nos últimos tempos. O que seria isso senão a morte lenta da natureza?

Reflita

Quem assistiu às Olimpíadas de 2008, na China, constatou os problemas de poluição enfrentados por esse país, que se ergue no cenário econômico mundial. O "progresso" econômico e tecnológico a qualquer preço vale a perda da qualidade de vida?

Outra questão muito discutida é a dos direitos dos animais. Diversos pensadores debruçam-se sobre os meios de coibir os maus-tratos, além da matança por motivo fútil, como luxo ou prazer. Nesse rol estão o comércio de casacos de pele, o esporte da caça, os rodeios, as touradas. Mas não só. O filósofo australiano Peter Singer (1946-), entre outros, condena o abate de animais com a finalidade de nos servir de alimento. Em seu livro *Ética prática*, entre os diversos temas de bioética, preconiza o estatuto moral dos animais.

7 Os filósofos e a morte

Em todos os tempos, a morte aparece como enigma. Admiti-la como um acontecimento inevitável pode nos levar à reflexão ética sobre "como devemos viver". Vejamos como alguns filósofos pensaram a questão.

7.1 Sócrates e Platão

O diálogo *Fédon ou Da imortalidade da alma,* de Platão, relata os momentos finais da vida de Sócrates, enquanto aguarda que lhe tragam a taça de cicuta. Em meio à emoção de todos, contrasta a serenidade do mestre, a tal ponto que Fédon, um dos discípulos presentes, afirma não poder sentir compaixão, já que tem diante dos olhos um homem feliz. Ele explica o estado de espírito de Sócrates como uma questão de coerência.

> (...) não poderia irritar-se com a presença daquilo [a morte] que até então tivera presente no pensamento e de que fizera sua ocupação!
>
> PLATÃO. *Fédon*. 64a.
> São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 71.

Como Sócrates preparou-se para a morte? Rejeitando os excessos do comer, do beber e do sexo, sem se deslumbrar com riqueza e honras, e buscando sempre a sabedoria. Sabemos que Sócrates nada escreveu e que, portanto, é Platão que fala pela boca do mestre. Nesse relato, compreendemos o caráter moral da exposição em que se esforça para superar as limitações do mundo sensível em direção ao suprassensível. A libertação pela morte seria o sinal de outra vida, quando a alma se purifica ao se separar do corpo.

É bem verdade que Sócrates não tem tanta certeza sobre o que diz a respeito do que viria após a morte, mas afirma a vantagem de aceitar as crenças vigentes e permanecer confiante sobre o destino da alma quando se vive conforme os valores da temperança, da justiça, da coragem, da liberdade e da verdade. Em outro diálogo, a última frase do filósofo é a seguinte:

> (...) é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor rumo, se eu, se vós, é segredo para todos, menos para a divindade.
>
> PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. 42a. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 33. vol. Sócrates. (Coleção Os Pensadores.)

7.2 Epicuro: não temer a morte

Para Epicuro (341-270 a.C.), a morte nada significa porque ela não existe para os vivos, e os mortos não estão mais aqui para explicá-la. Quando pensamos em nossa própria morte, podemos nos imaginar mortos, mas não sabemos o que é a experiência de morrer. O filósofo lamenta que a maioria das pessoas fuja da morte como se fosse o maior dos males, mas, para ele, não há vantagem nenhuma em viver eternamente. Mais do que ter a alma imortal, vale a maneira pela qual escolhemos viver.

Essas considerações fazem sentido na concepção hedonista de Epicuro. Para ele, o bem encontra-se no prazer. Que tipo de prazer? Hoje, costuma-se dizer que a civilização contemporânea é hedonista, por identificar a felicidade com a

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

satisfação imediata dos prazeres, sobretudo pelo consumismo: ter uma bela casa, um carro possante, muitas roupas, boa comida. E também pela incapacidade de tolerar qualquer desconforto, seja uma simples dor de cabeça ou o enfrentamento das doenças e da morte.

Não é esse, no entanto, o sentido do hedonismo grego. Segundo a ética epicurista, os prazeres do corpo são causa de ansiedade e de sofrimento; portanto, para que a alma permaneça imperturbável, é preciso aprender a gozá-los com moderação. Essa atitude levou Epicuro ao cultivo dos prazeres espirituais, com destaque para a amizade e os prazeres refinados. E completa:

> O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal. Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.
>
> EPICURO. *Carta sobre a felicidade: a Meneceu*. São Paulo: Unesp, 2002. p. 31.

8



AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 8 • Essa gravura é conhecida como *memento mori* ("lembra-te de que vais morrer"). A caveira à frente do casal, que representa o amor sagrado e o profano, é uma advertência para não nos esquecermos da brevidade da vida. *Armas com caveira* (1503), de Albrecht Dürer, 22 × 15,9 cm.

7.3 Montaigne: aprender a viver

No início deste capítulo, vimos que Montaigne cita Cícero, para quem "filosofar é aprender a morrer". O tema da morte reaparece várias vezes em sua obra *Ensaios*. Para ele, meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade, porque quem aprendeu a morrer recusa-se a servir, a submeter-se. Viver bem, portanto, é preparar-se para morrer bem. E assegura: "A vida em si não é um bem nem um mal. Torna-se bem ou mal segundo o que dela fazeis".

Nesse sentido, morrer é apenas o fim de todos nós, mas não o objetivo da vida. É preciso ter em vista o esforço para conhecer-se melhor e aprender a não ter medo da morte (figura 8).

7.4 Heidegger: o "ser para a morte"

Para Heidegger, o ser como possibilidade, como **projeto**, nos introduz na temporalidade. Isso não significa apenas ter um passado e um futuro em que os momentos se sucedem passivamente uns aos outros, mas sim que a existência é esse ato de se projetar no futuro, ao mesmo tempo que transcendemos o passado. O existir humano consiste no lançar-se contínuo às possibilidades, entre as quais justamente a situação-limite da morte. Esse fato inescapável do "ser para a morte" provoca angústia por lançar-nos diante do nada, ou seja, do não sentido da existência.

O conceito de angústia diante da morte não deve ser confundido com o medo de morrer: trata-se do sentimento de um ser que sabe existir para seu fim. Para Heidegger, a existência autêntica supõe a aceitação da angústia e o reconhecimento de sua finitude (figura 9). É essa postura que nos orienta para um olhar crítico sobre o cotidiano e nos leva a assumir a construção da vida.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE

Figura 9 • Gustav Klimt (1862-1918), pintor austríaco, mostra-nos as várias idades da vida e a morte à espreita. *Morte e vida* (*c.* 1911), óleo sobre tela, 178 × 198 cm.

Ao contrário, o ser humano **inautêntico** foge da angústia da morte, refugia-se na impessoalidade, nega a transcendência e repete os gestos de "todo o mundo" nos atos cotidianos. Para esse tipo de indivíduo, a morte está sempre na terceira pessoa, é a morte dos outros. A impessoalidade tranquiliza o indivíduo, confortavelmente instalado em um universo sem indagações, recusando-se a refletir sobre a morte como um acontecimento que nos atinge pessoalmente.

8 Pensar na morte: refletir sobre a vida

No mundo atual, a tentativa de resgatar a consciência da morte não deve ser entendida como interesse doentio de quem vive obcecado pela morte inevitável, atitude que seria pessimista e paralisante. Ao contrário, reconhecer a finitude da vida ajuda a reavaliar nossas escolhas. Por exemplo, se tomamos como valores absolutos o acúmulo de bens, a fama e o poder, a reflexão sobre a mortalidade torna menos importantes esses anseios, diante de outros valores que nos proporcionam mais dignidade. Essa mesma reflexão pode nos orientar em casos extremos, como a eutanásia ou o aborto.

Na vida cotidiana, pequenas mortes também nos afligem: o indivíduo urbano, massacrado pelo sistema de produção, obrigado a desempenhar funções que não escolheu, segundo um ritmo que não é o seu, sem dúvida não goza de uma boa qualidade de vida. Independentemente do progresso técnico atingido por nossa civilização, permanecem altos os níveis de alienação humana no trabalho, no consumo, no lazer.

A insensibilidade com relação à morte individual tem paralelo com a inconsciência referente ao destino do planeta. A consciência da morte nos ajuda a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo e a nos perguntar sobre o legado para as gerações futuras.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Em que sentido podemos hoje falar em "tabu da morte"?

Trata-se da dificuldade que as pessoas encontram em falar sobre a morte, sobretudo a própria morte. Quando o fazemos, é sobre a morte na terceira pessoa. É uma espécie de interdito semelhante ao que antes existia com relação ao sexo.

2 Qual é a diferença entre cuidados paliativos e eutanásia? Posicione-se a respeito.

Os cuidados paliativos buscam o conforto do doente, sem apressar sua morte. A eutanásia provoca a morte deliberadamente, em casos terminais de extremo sofrimento, quando a vida é vegetativa ou quando conscientemente o paciente a deseja por doença crônica que tornou a vida insuportável.

3 Costuma-se dizer que a morte é o mais democrático dos acontecimentos humanos, porque ninguém está livre dela. Como poderíamos contestar essa afirmação?

Nas sociedades com má distribuição de riquezas, os pobres e miseráveis estão mais sujeitos às doenças e à morte precoce, por violência, falta de assistência médica, de saneamento básico etc.

4 Releia o tópico 7, "Os filósofos e a morte", e escolha um pensador para comentar.

Resposta pessoal.

Professor: Os alunos podem escrever sobre Sócrates, Epicuro, Montaigne e Heidegger. Em linhas gerais, apesar das diferenças, todos referem-se à importância de refletir sobre a morte e sobretudo ao fato de que uma boa morte depende de uma vida boa. O que é vida boa varia: Sócrates valoriza a vida racional, Epicuro destaca os prazeres para uma vida bem vivida, Montaigne recusa a servidão, Heidegger ressalta a angústia, o reconhecimento da finitude e a busca da vida autêntica.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Retomada dos conceitos

1 Durante a Idade Média, os alquimistas procuravam descobrir a fórmula do "elixir da longa vida" ou da "eterna juventude". Discuta com seu grupo: como poderíamos relacionar esse sonho com as expectativas daqueles que optaram pela criogenia ou, então, dos que têm esperança de clonar pessoas ou mesmo animais de estimação?

Resposta pessoal.

2 Faça uma reflexão sobre a seguinte contradição: se no mundo atual é tão difícil o enfrentamento da morte, por que, ao contrário, as pessoas são tão fascinadas por ela? Fundamente sua resposta e dê exemplos do cotidiano.

Resposta pessoal.

3 Localize na citação de Montaigne a frase com a qual podemos interpretar a tira do Snoopy. Justifique.

> Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagináveis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim?
>
> MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro I, cap. XX.
> São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 54. (Coleção Os Pensadores.)



"Há quem viveu muito e não viveu", diz Montaigne, ou seja, certas vidas são vazias.

Professor: Em todos os tempos, houve pessoas que tentavam "driblar" a morte. Seria uma tentativa de negar sua própria humanidade finita? Quais seriam as condições de um "ressuscitado" pela criogenia? Em que medida um clone nega o valor da unicidade de um indivíduo? Por que repetir o que já teve seu tempo?

Professor: Quando há um desastre na estrada, os motoristas diminuem a velocidade e alguns param por curiosidade. Também os filmes violentos têm grande público. O fascínio pode significar o medo de morrer, a busca de emoções fortes que se contraponham a uma vida sem sentido, certo sadismo em contemplar a morte do outro etc.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Leia o texto abaixo.

> O trabalho do luto, como diz Freud, é esse processo psíquico pelo qual a realidade prevalece, e cumpre que ela prevaleça, ensinando-nos a viver apesar de tudo. (...) A vida prevalece, a alegria prevalece, e é isso que distingue o luto da melancolia. Num caso, explica Freud, o indivíduo aceita o veredicto do real – "o objeto já não existe" –, e aprende a amar alhures, a desejar alhures. No outro, ele se identifica com aquilo mesmo que perdeu, há tanto tempo (...), e se encerra vivo no nada que o obceca. (...) Alguma coisa se inverte aqui; o luto (a aceitação da morte) pende para o lado da vida, quando a melancolia nos encerra na mesma morte que ela recusa.
>
> COMTE-SPONVILE, André. *Bom dia, angústia!* São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 93-95.

A partir dessa citação, explique qual é a diferença entre luto e melancolia.

O luto é o sofrimento que decorre da perda, seja a separação ou a morte. Como tal, é uma passagem de dor que tende a ser superada para recuperar a vida normal. Na melancolia, a pessoa não aceita a morte do outro e a introjeta em si mesmo, imobilizando-se.

5 (**UFPR**)



Disponível em: <www.charges.uol.com.br>. Acesso em: 3 ago. 2006.

– Você fica se perguntando o que vai ser quando crescer?
– Se liga, mano! Não raciocino sobre hipóteses!

Em um texto de 6 a 8 linhas, apresente sua interpretação da charge, explicitando os elementos verbais e não verbais que fundamentam as relações que você estabeleceu.

Resposta pessoal.

Professor: Os elementos não verbais que podem ser explorados na charge: os garotos estão armados e tocaiados na favela, o que revela sua vida perigosa. Os verbais: no diálogo, um deles fala sobre o futuro e o outro sabe que, na vida que levam, a chance de morrer é muito alta. A charge critica as condições adversas da juventude envolvida com o tráfico.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 (**UFMG**) Como narrado no diálogo *Críton*, ou *Do dever*, Sócrates, após ser condenado, aguarda, na prisão, a execução de sua sentença, que consiste em tomar cicuta, pena de morte adotada entre os atenienses. Críton, discípulo do filósofo, propõe-lhe a fuga e o exílio, sob a alegação de que a condenação teria sido injusta. Sócrates recusa a oferta e, entre outras razões, apresenta a seguinte:

> (...) viver não é o que mais deve importar, mas viver bem.
>
> PLATÃO. Críton, ou Do dever. 48b. Em: *Diálogos*. 4. ed. Tradução José Trindade Santos. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

Com base na leitura desse trecho, apresente dois argumentos que justifiquem por que, na opinião de Sócrates, no caso, viver bem implica aceitar a morte.

A morte é a ocupação do filósofo, está na base da toda reflexão. "Filosofar é preparar-se para morrer". Como? Rejeitando os excessos do comer, do beber e do sexo, não se deslumbrando com riquezas e glórias, vivendo na sabedoria. A morte purifica a alma ao se separar do corpo.

Dissertação

Tal como se abordou, neste capítulo, o tema da eutanásia, faça uma pequena dissertação sobre o aborto.

Professor: É importante distinguir os argumentos de natureza religiosa (direito à vida), jurídica (alguns países criminalizam o aborto, ao passo que outros o permitem), psicológica (impossibilidade econômica de ter um filho ou aceitar filho que resulta de estupro ou que é anencéfalo), médica (risco de morte para a mãe etc.), sociológica (costumes típicos de países ou de épocas diferentes; o fato de, mesmo proibidas, haver clínicas de aborto, sem condições sanitárias). O posicionamento depende também dos argumentos que de fato foram usados anteriormente.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CAPÍTULO 4

Em busca da felicidade

1 O que significa ser feliz?

"Feliz aniversário!" "Feliz Ano-Novo!" "Felicidades!". As saudações são nossos votos para aqueles que estimamos. E desejamos o mesmo para nós: ser feliz. Mas é possível ser feliz? Em que consiste a felicidade? (figura 1).

Alguns, mais pessimistas, acham a felicidade um sonho impossível. Os problemas do cotidiano, os sofrimentos físicos e morais, a fome, a pobreza, a violência, o tédio são empecilhos severos. Mas será que mesmo essas pessoas não têm um fio de esperança de ter uma vida melhor?

Para outros, como vemos na publicidade, a felicidade estaria nos momentos de consumo, longe do trabalho, com todo o conforto e prazer que o dinheiro

1



ALINARI ARCHIVES, FLORENCE/OTHER IMAGES

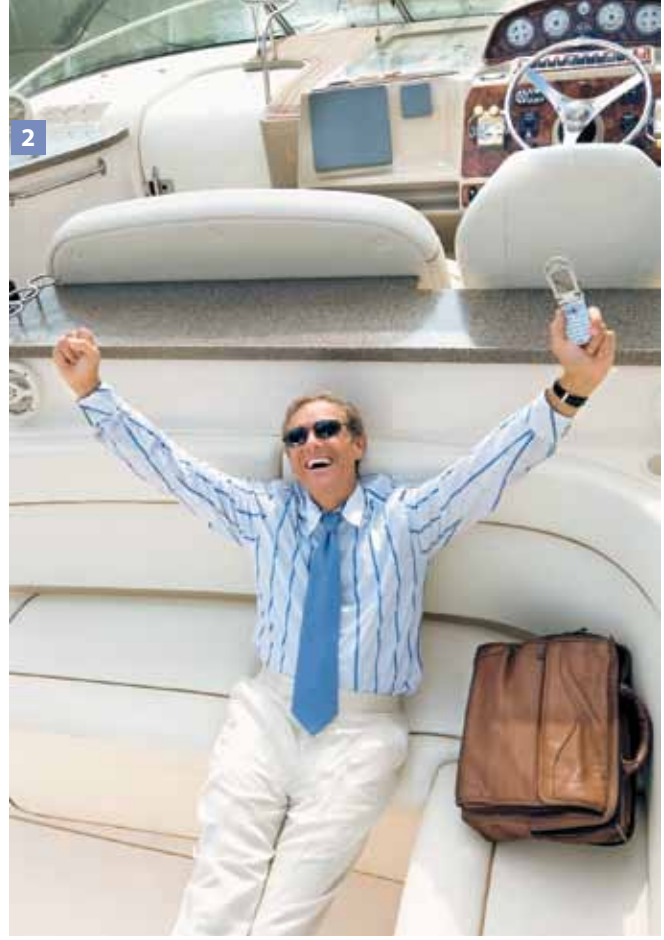
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 1 • *O passeio* (1917-1918), óleo sobre tela, de Marc Chagall. O pintor com sua amada mulher Bella. Sobre a grama, a toalha vermelha estendida para o piquenique; ao fundo, sua aldeia natal, na Rússia.

pode lhes dar: um carro, um iate, roupas de marca, ausência de sofrimento, um "doce nada fazer"... (figura 2). Por isso, tantos esperam as férias, a aposentadoria ou o prêmio da loteria.

Como explicitação dessa felicidade fantasiosa, em algumas revistas os famosos estampam apenas sorrisos, ao passo que em outras é exposta com certa crueldade a intimidade de relações malsucedidas, brigas, internações para tratamento de dependência química ou para mais uma cirurgia plástica, na luta contra o envelhecimento.

Pelos consultórios médicos passam pessoas com estresse, a doença de nosso tempo. O enfrentamento de depressões desemboca na banalização do consumo de psicofármacos – as "pílulas da felicidade". Sob essa última perspectiva, a felicidade é vista pelo avesso: como a não dor, o não sofrimento, a não perda. De certo modo, representa a adequação das pessoas a comportamentos padronizados, ao que Nietzsche chamaria de "felicidade de rebanho".



NANCY BROWN/GETTY IMAGES

Figura 2 • O consumo e o luxo podem trazer felicidade?

Professor: A crítica que se pode fazer é que recusar a dor e o sofrimento, inerentes à dimensão humana, não é ser feliz, mas negar-se a enfrentar a adversidade e a viver de modo humano.

Reflita

No livro *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, as pessoas permanecem sempre jovens e são "felizes" porque tomam o **soma**, uma droga que impede a manifestação da tristeza e do sofrimento. Seria isso a felicidade?

Ao contrário dessa busca cega, a felicidade encontra-se mais naquilo que o ser humano faz de si próprio e menos no que consegue alcançar com os bens materiais ou o sucesso. Não veja aqui a acusação de que quem é rico não pode ser feliz nem o elogio ao despojamento ou à pobreza. Queremos dizer que, no primeiro caso, apenas as posses não nos tornam felizes, porque a riqueza nunca é um bem em si, mas um meio para nos propiciar outras coisas. Quanto aos pobres, por serem excluídos do acesso aos bens produzidos pela sociedade, começam a vida em desvantagem de oportunidades para sua realização pessoal – para a melhor construção de si mesmo –, o que, muitas vezes, leva ao infortúnio.

2 A "experiência de ser"

De maneira geral, a felicidade comporta diversos aspectos.

O **sentimento de satisfação** depende de como vivemos, da possibilidade de sentirmos alegria, contentamento, prazer. Por experiência, sabemos que não se trata de uma plenitude, porque esse estado de espírito não ocorre o tempo todo, já que a vida feliz não exclui contratempos, como a dor, o sofrimento, a tristeza (figura 3).

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

Figura 3 • Frida Kahlo, pintora mexicana, submeteu-se a diversas intervenções cirúrgicas: o colete, a coluna grega partida, os pregos e as lágrimas expressam seu profundo sofrimento. *A coluna partida* (1944), de Frida Kahlo, óleo sobre tela, 40 × 30,7 cm.

Figura 4 • Relacione a tira de Bob Thaves com o conceito de "experiência de ser" de Misrahi. Por que não seria possível um ***remake*** da vida, mas apenas uma continuidade dela?

Glossário

Remake. Do inglês, literalmente "fazer de novo". Refere-se a filmes ou telenovelas em que as as histórias são encenadas novamente.

Professor: Robert Misrahi é um filósofo francês, estudioso de Espinosa. Não se pode viver a mesma vida porque sempre estamos em situações diferentes, que exigem de nós criatividade e imaginação. Além disso, a experiência vivida constrói-se na relação com os outros.

Só a satisfação, contudo, não é suficiente para explicar a felicidade, porque ela supõe a realização de desejos que, não raro, são conflitantes. Por exemplo, você pode ficar em dúvida entre assistir a um filme ou ficar estudando. Os motivos que influem na decisão podem ser de diversas naturezas: o filme é de um bom diretor e trata de um tema que lhe interessa ou, então, é puro entretenimento e você precisa se distrair. Por outro lado, o estudo pode ser um prazer, se o assunto lhe despertou interesse, mas pode representar, naquele momento, a privação de um prazer, por preferir um bem futuro, como sua profissionalização. Em qualquer caso, os desejos não são compatíveis e uma decisão satisfaz um desejo, mas frustra o outro.

Vemos aí mais um componente da felicidade: a **autonomia da decisão**. Se não somos livres, ficamos sujeitos às influências externas e tornamos nossos sonhos alheios, o que acontece nas sociedades massificadas em que os comportamentos tendem à padronização. Ao contrário, quando agimos de acordo com nossos próprios projetos de vida, decidimos de modo coerente.

Para termos autonomia de escolha, é necessária a **reflexão**, que nos permite apreciar o que desejamos da vida como um todo, conforme projetos que dão sentido a nossas decisões. É o que o filósofo francês Robert Misrahi chama de "experiência de ser" (figura 4).



2009 UNITED MEDIA/IPRESS
Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Nessa experiência, o sujeito não é mais fragmentado ou dispersado entre diversas personalidades (que opõem, por exemplo, a vida profissional e a criação, a atividade utilitária e a atividade estética, a relação burocrática e a relação autenticamente pessoal). Ele se encontra, ao contrário, unificado, ao mesmo tempo que unifica essas diversas atividades por seu propósito existencial principal. A personalidade unificada se apreende então como adesão afirmativa a si mesma, e essa adesão, vivida como satisfação ou bem-estar existencial, pode ser apreendida como uma espécie de permanência alegre de sua própria identidade. (...) É esse prazer existencial e consciente de ser e de existir como sujeito e como vida que chamamos de **alegria**".

MISRAHI, Robert. *A felicidade: ensaio sobre a alegria*. Rio de Janeiro: Difel, 2001. p. 31-33.

Quando nos referimos à "experiência de ser" de um sujeito livre, consciente de sua individualidade, adentramos no campo da ética. Portanto, a reflexão sobre o que fazer de nossa vida para alcançar a felicidade nos coloca diante de escolhas morais.

Por fim – mas não por último –, o que é a felicidade se não tivermos com quem compartilhar nossa alegria? Portanto, a felicidade é também a celebração da amizade, do amor e do erotismo.

2.1 Conceitos interligados

A essa altura da discussão, você já deve ter percebido o motivo de deixarmos a reflexão sobre a felicidade para o final do módulo. Porque pensar a felicidade depende de como sentimos nosso próprio corpo, com suas emoções e paixões, o que fazemos com elas; como nos relacionamos com as pessoas e o amor e ódio que resultam desses encontros – ou desencontros –; como somos capazes de enfrentar as perdas e inclusive como entendemos o sentido da morte, sobretudo de nossa própria morte.

Como verá, aqui retomamos alguns temas já examinados sob outras perspectivas. Recomecemos nosso passeio pela história da filosofia. O que pensaram os filósofos sobre a felicidade?

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 A felicidade segundo os gregos

No período clássico da filosofia grega, por volta dos séculos V e IV a.C., a democracia já era uma instituição em Atenas. Em decorrência, a visão aristocrática que vigorava anteriormente foi substituída pela ideia de cidadania. Nesses termos, a administração da cidade não mais dependia da vontade divina nem era comandada por reis, mas por cidadãos que discutiam e decidiam o destino coletivo em praça pública – a ágora grega.

A **felicidade** do coletivo dependia da **virtude** dos cidadãos em bem conduzir os problemas da cidade. Mas, para chegar à virtude, era preciso **saber**. A **sabedoria**, portanto, abre o caminho para a felicidade.

3.1 Platão

Para Platão, a felicidade está ligada à atividade do sábio, capaz de levar uma vida virtuosa e racional (figura 5). Assim, diz pela boca de Sócrates:

> Tal é, segundo penso, o fim que é preciso ter sem cessar diante dos olhos para dirigir sua vida. É preciso que cada um empenhe todas suas forças, todas as do Estado, na direção desse fim, a aquisição da justiça e da temperança como condição da felicidade.
>
> PLATÃO. Gorgias. Em: *Oeuvres complètes*. Tomo III, 2ª parte. Paris: Les Belles Lettres, 1949. p. 197.

No que diz respeito ao governo, porém, Platão é radical: apenas o filósofo seria o bom governante, porque só ele atinge o nível mais alto de sabedoria e só a ele cabe a virtude maior da justiça. Essa teoria faz sentido no momento histórico em que Platão viveu, quando a democracia grega começava a se deteriorar, o que o levava a ver com maus olhos a atribuição de poder a quem não tinha o saber da política.



ARALDO DE LUCA/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 5 • Nesse mosaico de Pompeia, vemos a Academia de Platão, uma instituição de nível superior que reunia intelectuais de diversas formações com o intuito único de refletir e discutir, e que durou do século IV a.C. até o século VI de nossa era.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3.2 Aristóteles

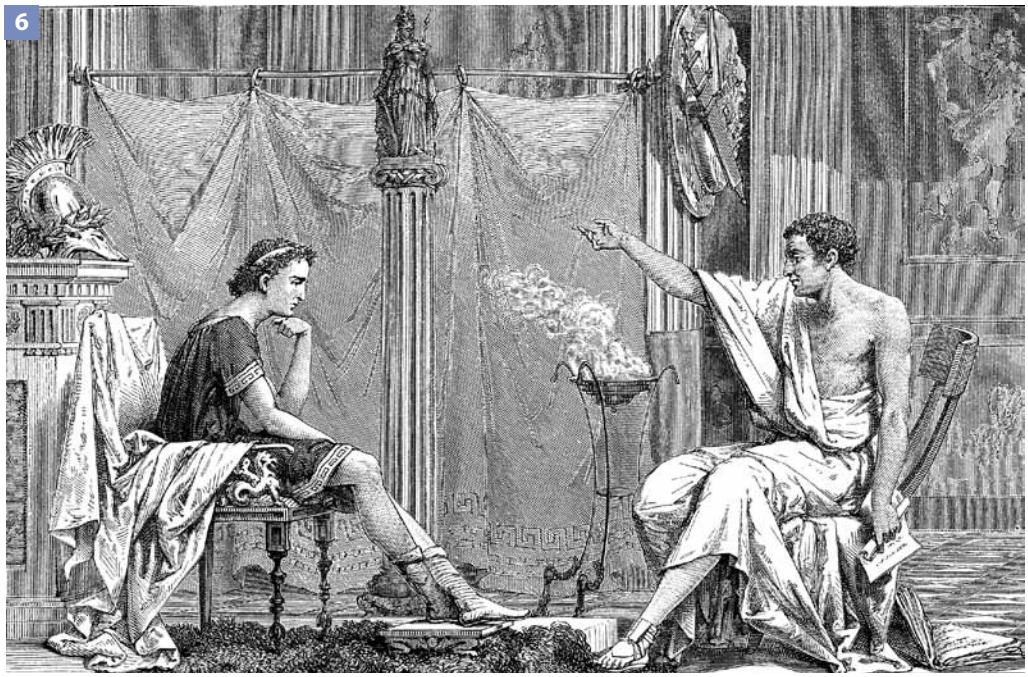
Embora não tão radical quanto seu mestre Platão em relação à política, Aristóteles retoma a ideia da relação intrínseca entre virtude e saber (figura 6). De fato, a escolha moral necessita de prudência ou discernimento para que o indivíduo possa agir tendo em vista o que é melhor para si e para a coletividade. Entre as coisas que deseja, a mais importante é a felicidade. Não no sentido de alcançar riquezas, glória, prazer, que não são fins em si, mas, quando muito, meios para alcançarmos a felicidade.

O discernimento, no entanto, nos ajuda a selecionar os bens melhores para a vida boa, o que exige o uso da razão, porque ela é o que melhor qualifica o ser humano. Mais ainda, não bastam algumas ações, mas a prática da virtude como hábito. Assim diz:

> Porquanto uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso.
>
> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1.098a15. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 256. (Coleção Os Pensadores.)

O termo grego para felicidade é *eudaimonia*, composto de *eu*, que significa "bom", "prazeroso", e *daimon*, literalmente "demônio", no sentido de "bom gênio que nos orienta". Por isso chamamos a ética aristotélica de eudemonismo, que consiste na busca da felicidade pelo exercício da virtude.

6



SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

Figura 6 • Antes de voltar a Atenas e fundar o Liceu, Aristóteles foi preceptor do jovem filho de Felipe, rei da Macedônia, e que mais tarde seria conhecido como Alexandre, o Grande.

4 Descartes e o racionalismo moderno

Na modernidade, que se inicia no século XVII, outras influências deram novo embasamento à busca da felicidade. Os novos tempos são de ascensão da burguesia, desenvolvimento do capitalismo, revolução científica e promessas da tecnologia nascente.

O humanismo do Renascimento já contestara o mundo teocêntrico medieval, fazendo surgir a noção de subjetividade e individualidade diversa da tradição. Mesmo que, por exemplo, Descartes (1596-1650) tenha dado continuidade às noções de virtude, sabedoria e felicidade, trata-se de um sujeito que tem em si os critérios para conhecer e decidir. Tanto é que a teoria **cartesiana** do conhecimento é construída a partir da ideia primeira do *cogito*, ou seja, do pensamento.

Glossário

Cartesiano. Relativo a Descartes, cujo nome latino era Cartesius.

ISTO É ESSENCIAL!

A questão da subjetividade em Descartes é bem explicitada pela expressão *cogito, ergo sum* (penso, logo existo). Após uma série de dúvidas postas com relação à realidade do mundo, o filósofo chega à primeira ideia indubitável: o pensamento. Justamente porque quem duvida pensa.

Vimos que a concepção cartesiana sobre a relação corpo e alma ainda era dualista, embora não exatamente como na perspectiva platônica. Para Descartes, a confiança na razão alia-se à necessidade de um comportamento moral livre que, por meio da prática da virtude e da sabedoria, permita ao ser humano controlar as paixões. Seria isso a felicidade? É assim que Descartes escreve em uma carta dirigida à princesa Elisabeth da Boêmia:

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Glossário

Acordar. No contexto, significa "entrar em acordo".

Lícito. O que a lei permite, o que é aceitável.

Professor: Descartes se correspondia com Elisabeth, princesa da Boêmia.

A virtude só é suficiente para nos deixar contentes nessa vida. Mas, não obstante, dado que, quando ela não é iluminada pelo entendimento, pode ser falsa, isto é, a vontade e a resolução de praticar o bem podem levar-nos a coisas más, quando as cremos boas, o contentamento que delas resulta não é sólido; (...) ao passo que o reto uso da razão, proporcionando um verdadeiro conhecimento do bem, impede que a virtude seja falsa e mesmo, **acordando**-a com os prazeres **lícitos**, torna o seu uso tão fácil, e fazendo-os conhecer a condição de nossa natureza, limita de tal modo nossos desejos que cumpre confessar que a maior felicidade do homem depende desse reto uso da razão e, por conseguinte, que o estudo que serve para adquiri-lo é a mais útil ocupação que se possa ter, como é, sem dúvida, a mais agradável e a mais doce.

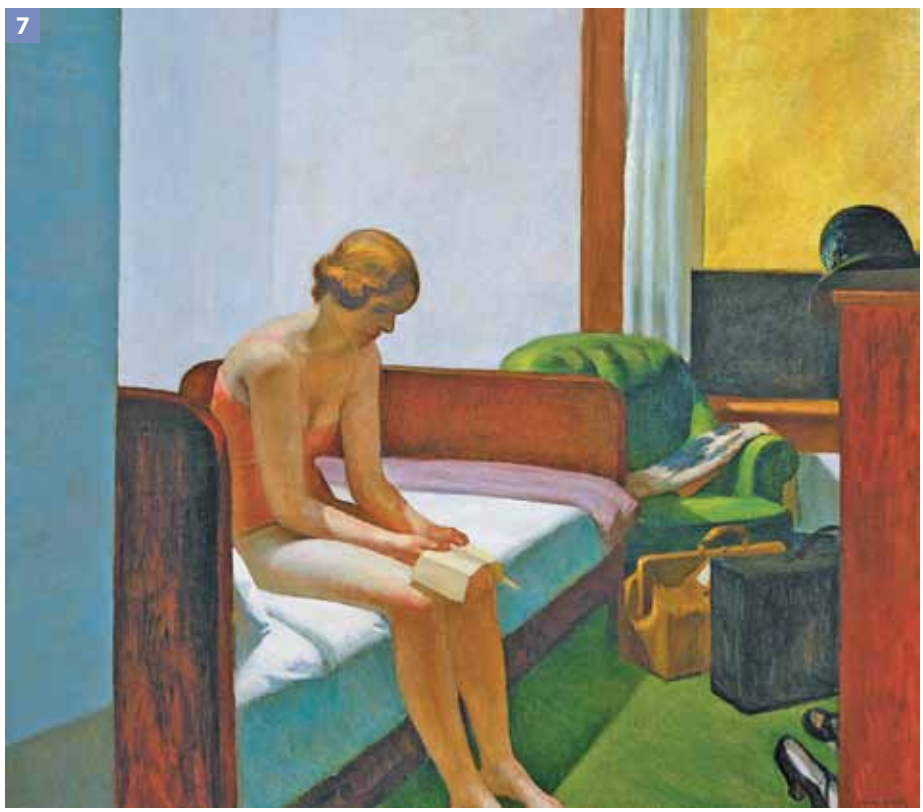
DESCARTES, René. *A Elisabeth* [Carta]. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 319. (Coleção Os Pensadores.)

5 Espinosa: uma ética da felicidade

No primeiro capítulo, já vimos a novidade de Espinosa ao superar o dualismo corpo-consciência. Aproveitando o que foi dito ali sobre as paixões alegres e as paixões tristes (figura 7), podemos concluir que a felicidade só existe quando predominam as paixões alegres.

Mas, o que fazer, contudo, para evitar a paixão triste e propiciar a paixão alegre? Pela teoria do paralelismo, a alma não determina o movimento ou o repouso do corpo, nem o corpo leva a alma a pensar; por isso, não cabe ao espírito combater as paixões tristes. O que as destruirá só pode ser uma paixão alegre, nas situações em que, de joguetes de nossos afetos, podemos passar a senhores deles. Portanto, um afeto jamais é vencido por uma ideia, mas um afeto forte é capaz de destruir um fraco.

7



ALBUM/AKG IMAGE/LATINSTOCK

Figura 7 • O pintor realista Edward Hopper (1882-1967) é conhecido pelas telas representativas do cotidiano, aparentemente banais, mas densas de significados. Seus personagens exprimem desalento, tristeza, desengano. *Quarto de hotel* (1931), óleo sobre tela, 152,4 × 165,1 cm.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Reflita

Na tela *Quarto de hotel*, de Hopper, a mulher encontra-se em um quarto simples de hotel, as malas ainda nem foram desfeitas (figura 7). Levemente arqueada, parece inerte, e segura um papel. Em que sentido uma tristeza de tal ordem pode desencadear – segundo os conceitos de Espinosa – uma diminuição do ser?

Professor: Reveja com os alunos o conceito de *conatus*, pelo qual todo indivíduo busca realizar seu ser. A tristeza, como diminuição da potência, leva à diminuição do ser.

Diferentemente de outros filósofos que estabelecem hierarquias e subjugam as paixões à razão, para Espinosa a felicidade – e, portanto, a liberdade – não está em nos livrarmos das paixões. Assim, ele diz:

> A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não gozamos dela por refrearmos as paixões, mas ao contrário, gozamos dela por podermos refrear as paixões.
>
> ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Livro V, proposição XLII. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 306. (Coleção Os Pensadores.)

As boas paixões permitem o desenvolvimento humano, facilitam o encontro das pessoas e proporcionam a alegria; as más impedem o crescimento, corrompem as relações e as orientam para as formas de exploração e destruição.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

6 Marx, Nietzsche e Freud: os "mestres da suspeita"

O projeto da modernidade encontrava-se centrado na subjetividade, no reconhecimento do sujeito pensante capaz de conhecer e assim orientar sua vida moral e alcançar a felicidade. No entanto, esse racionalismo confiante de que há um mundo objetivo a ser desvendado pela razão começou a sofrer abalos, mas foi na segunda metade do século XIX e no início do século XX que diversos filósofos intensificaram as críticas à racionalidade humana.

A expressão "mestres da suspeita" foi cunhada pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) para designar os pensadores Marx, Nietzsche e Freud. Segundo Ricoeur, foram esses três pensadores que suspeitaram das ilusões da consciência. Por consequência, para descobrir a verdade, é preciso proceder à interpretação do que pensamos conhecer a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente.

6.1 Marx: a ideologia

Karl Marx (1818-1883) viveu intensamente o período de confronto do proletariado com a elite econômica de seu tempo. Quando esteve na Inglaterra, conheceu de perto a situação deplorável do operariado (figura 8), obrigado a longa jornada de trabalho em oficinas insalubres e com baixa remuneração.

Elaborou, então, sua teoria materialista, segundo a qual as ideias devem ser compreendidas a partir do contexto histórico da comunidade em que se vive, porque elas derivam das condições materiais, no caso, das forças produtivas da sociedade. Nesse contexto, as ideias vigentes, que aparecem como universais e absolutas, são de fato parciais e relativas, porque representam as ideias da classe dominante. As concepções filosóficas, jurídicas, éticas, políticas, estéticas e religio-

sas da burguesia estendidas para todos, inclusive ao proletariado, perpetuam os valores a elas subjacentes como verdades universais.

Para Marx, esse conhecimento que aparece de forma distorcida é a **ideologia**, ou seja, um conhecimento ilusório que tem por finalidade mascarar os conflitos sociais e garantir a dominação de uma classe, impedindo que a classe submetida desenvolva uma visão do mundo mais universal e lute pela autonomia de todos.

As consequências da ideologia para a noção de felicidade é exposta por Marx: onde há divisão de classes e exploração, os fins humanos são preteridos e as pessoas perdem a dignidade ao serem submetidas ao trabalho alienado.

8



ALBUM/AKG IMAGES/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 8 • No século XIX, o proletariado descobre sua força e organiza movimentos de contestação da hegemonia burguesa, levando para a prática revolucionária as teorias socialistas, como se observa em *O quarto estado* (1901), de Giuseppe Pelizza da Volpedo. Óleo sobre tela, 285 × 543 cm.

6.2 Nietzsche: o critério da vida

Friedrich Nietzsche (1844-1900) procedeu a um deslocamento do problema do conhecimento, alterando o papel da filosofia. Para ele, o conhecimento não é uma explicação da realidade, mas apenas sua interpretação, uma atribuição de **sentidos**. E os sentidos são atribuídos a partir de determinada escala de **valores** que se quer promover ou ocultar.

Para Nietzsche, o conhecimento resulta de uma luta, do compromisso entre instintos. Ao compreender a avaliação que foi feita desses instintos, descobre que **o único critério que se impõe é a vida**. O critério da verdade, portanto, deixa de ser um valor racional para adquirir um valor de existência. O que Nietzsche quer dizer com "critério da vida"? Ao se perguntar que sentidos atribuídos às coisas fortalecem nosso "querer-viver" e quais o degeneram, questiona os valores para distinguir quais nos fortalecem vitalmente e quais nos enfraquecem.

Qual é a decorrência dessas ideias para a felicidade? É a descoberta de que a tradição que visa controlar as paixões renega nossos instintos, desvalorizando o que há de mais vital no ser humano, o que, portanto, leva à infelicidade.

6.3 Freud: o inconsciente

No capítulo 2, vimos como Sigmund Freud levantou a hipótese do inconsciente, contrariando as crenças racionalistas segundo as quais a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos. Portanto, os critérios tradicionais, que se baseavam na razão para a busca da felicidade, foram questionados porque muitas de nossas decisões se devem a conflitos que não conseguimos entender, nem sequer controlar.

Em *O mal-estar da civilização,* Freud observa que as forças agressivas e egoístas precisaram ser controladas para permitir o convívio humano e a vida moral, mas se pergunta em que medida essa renúncia pode ser autodestrutiva a ponto de comprometer a felicidade. Conclui com pessimismo que é alto o preço pago pelo indivíduo para se tornar civilizado.

7 Felicidade: autonomia e intersubjetividade

As intervenções teóricas dos chamados "mestres da suspeita" teriam acirrado a descrença na capacidade humana de atingir a autonomia de pensamento e de ação? Seria então a felicidade uma utopia? Estaria o ser humano destinado a se submeter a forças que não poderia conhecer nem controlar?

O melhor é pensar que esses estudiosos nos abriram outras portas ao nos advertirem sobre os riscos de engano nessa nossa empreitada. Não para nos desviar do projeto, mas para melhor alcançá-lo. Todos eles indicam os obstáculos para que possamos prosseguir com mais clareza, ao identificarmos o que se acha oculto: para Nietzsche, o enfraquecimento do "querer-viver"; para Marx, a ideologia; e para Freud, as causas inconscientes dos sintomas neuróticos.

A turbulência e a novidade das mudanças ocorridas a partir das últimas décadas do século XX, que modificaram de maneira drástica os padrões de comportamento, explicam a perplexidade de muitos. Se alguns as veem com bons olhos, há os que denunciam o braço invisível da alienação em condutas aparentemente autônomas. Sob essa ótica, concluem não haver propriamente autonomia, porque os mecanismos de repressão encontram-se na própria sociedade e são exercidos como instrumentos de controle dos desejos, seja para estimulá-los, seja para reprimi-los (figura 9). É preciso, portanto, prosseguir na busca da autêntica liberação.

No século XX, diversos filósofos refletiram sobre essas questões: Foucault, Marcuse, Habermas, Lipovetsky. Podemos dizer que as discussões ampliaram-se no sentido de realçar a responsabilidade social e planetária, o que significa o reconhecimento do outro, fundamental para a subjetividade de cada um.

Neste capítulo, pudemos ver que a felicidade não se separa do processo de constituição da identidade de cada um de nós, de nossa "experiência de ser". Essa busca, porém, não é solitária, mas realiza-se na intersubjetividade: depende das amizades, do amor, do erotismo e, nesse sentido, de como compreendemos nosso corpo, os sentimentos e nossa relação com os outros.

Parece que o indivíduo só terá mais autonomia e felicidade se for desfeito o nó da dominação social. Eros é do domínio da democracia, pois a "amizade é a recusa do servir", como já sabia La Boétie, filósofo francês do século XVI. Apesar de para muitos parecer um propósito inatingível, nada impede que prossigamos em sua busca.



PIXTAL/IMAGE PLUS

Figura 9 • O apelo ao consumo explora um mecanismo que pode pôr em risco a autonomia humana.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios dos conceitos

1 Dê as características da felicidade elencadas no tópico 1, "O que significa ser feliz?", e desenvolva uma delas. Se for o caso, indique outra característica que você considera importante e que não foi abordada.

Espera-se que o aluno explicite o sentimento de satisfação, a autonomia de decisão e a reflexão. Pode-se complementar com a citação de Misrahi, que destaca o componente da alegria como expressão do sentimento de satisfação, ou sugerir mais alguma característica dessa alegria (a criação, o prazer, o convívio etc.).

2 Qual é a concepção de felicidade para Platão?

A felicidade resulta da combinação entre sabedoria e virtude, que possibilitam a temperança no viver.

3 Explique por que Marx, Nietzsche e Freud são chamados de "mestres da suspeita".

Porque com eles começa a desconfiança no poder da razão de conhecer o mundo objetivo, suspeitando das ilusões da consciência.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

1 Leia o texto a seguir e depois responda ao que se pede.

> É pela criação que a consciência está à altura de se regozijar com sua própria atividade. Pela criação, a consciência manifesta a realidade efetiva do ato que a constitui. (...) É preciso conceber a criação em diversos sentidos. Ela consiste inicialmente na realização de uma obra objetiva, que assume um lugar no espaço e no tempo, tanto materiais quanto culturais. Técnica como uma máquina, estética como uma sinfonia ou um romance, política como uma constituição, reflexiva como uma obra filosófica, a obra é sempre a atualização de um movimento inventivo da consciência, sempre capaz de superar o presente em direção de um futuro inicialmente imaginado, depois realizado no presente da obra e, em seguida, capaz de superar o presente integrando-o ao futuro.
>
> MISRAHI, Robert. *A felicidade: ensaio sobre a alegria*. Rio de Janeiro: Difel, 2001. p. 106-107.

a) Dê exemplos de uma obra técnica, de uma obra estética, de uma obra política e de uma obra de pensamento.

Resposta pessoal.

b) Qual é a relação entre criação e felicidade?

Só há felicidade quando o indivíduo pode ser inventivo, transformar a si mesmo e o mundo em que vive, seja pelo conhecimento, pelo trabalho, pelo lazer, pela conduta autônoma ou pela fruição estética. A capacidade de criar é mobilizadora da alegria.

Professor: Os alunos podem citar os seguintes exemplos – obra técnica: vestimenta; estética: filme, peça de teatro; política: a ação do vereador, do cidadão participante; de pensamento: as teorias.

2 (**UFMG**) Leia este trecho.

> Voltemos novamente ao bem que estamos procurando e indaguemos o que ele é, pois não se afigura igual nas distintas ações e artes; é diferente na medicina, na estratégia e em todas as demais artes do mesmo modo. Que é, pois, o bem de cada uma delas? Evidentemente, aquilo em cujo interesse se fazem todas as outras coisas. Na medicina é a saúde, na estratégia a vitória, na arquitetura uma casa, em qualquer outra esfera uma coisa diferente, e em todas as ações e propósitos é ele a finalidade; pois é tendo-o em vista que os homens realizam o resto. Por conseguinte, se existe uma finalidade para tudo que fazemos, essa será o bem realizável mediante a ação (...) Mas procuremos expressar isto com mais clareza ainda. Já que, evidentemente, os fins são vários e nós escolhemos alguns entre eles (...), segue-se que nem todos os fins são absolutos; mas o sumo bem é claramente algo de absoluto. Portanto, se só existe um fim absoluto, será o que estamos procurando (...) Ora, nós chamamos aquilo que merece ser buscado por si mesmo mais absoluto do que aquilo que merece ser buscado com vistas em outra coisa (...) Ora, esse é o conceito que preeminentemente fazemos da felicidade.
>
> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Livro I, 1.097a; 1.097b.
> Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim.
> São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 54-55. (Coleção Os Pensadores.)

Com base na leitura desse trecho e considerando outras ideias presentes nessa obra de Aristóteles, justifique esta afirmativa: "É absurdo perguntar para que queremos ser felizes".

É absurdo porque, segundo o texto, todos os outros bens procurados são diversos e visam a finalidades específicas; não se trata de fins absolutos, mas meios para outra coisa qualquer. Apenas a felicidade é buscada por si mesma, e não como meio.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 (**UEL-PR**) De acordo com seu conhecimento sobre a ética de Espinosa, é correto afirmar:

a) A necessidade não se aplica às ações livres do homem.

b) O homem virtuoso procura agir com compaixão.

c) A felicidade é o prêmio da virtude, pois a ação virtuosa tem como recompensa a felicidade.

d) Quanto mais um homem se esforça por preservar seu ser, mais ele é virtuoso.

e) O homem é mais livre na solidão, pois aí ele só obedece a si mesmo.

Dissertação

Leia o texto a seguir.

> É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo. A produção de bens, os serviços, as mídias, os lazeres, a educação, a ordenação urbana, tudo é pensado, tudo é organizado, em princípio, com vista à nossa maior felicidade. Nesse contexto, guias e métodos para viver melhor fervilham, a televisão e os jornais destilam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade, os gurus que prometem a plenitude multiplicam-se. (...) Passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do treinamento generalizado e da felicidade "modo de usar" para todos.
>
> LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 336-337.

Nesse texto, o autor critica o ideal de felicidade que predomina na sociedade do hiperconsumo, ao usar as expressões "treinamento generalizado" e "felicidade 'modo de usar'". A partir do que foi discutido neste capítulo, escreva um texto para justificar essa crítica. Ao final, não se esqueça de fazer um parágrafo em que você apresenta sua opinião a respeito.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Exercícios de integração

Professor: Espera-se que os alunos percebam que em geral a publicidade visa ao sucesso, ao dinheiro, ao lazer, à juventude, à beleza. Pode-se discutir o enfoque da felicidade em aspectos materiais, fugazes, individualistas, que reforçam o narcisismo.

1 A publicidade não vende utilidades, mas conceitos de vida. A partir dessa ideia, escolha um exemplo veiculado em jornal, revista ou televisão, a fim de detectar que "conceitos de vida" estão permeando a venda daquele produto. Em seguida, elabore um texto crítico a respeito.

Resposta pessoal e que depende da escolha da publicidade.

2 A pressão da sociedade capitalista exercida a partir do princípio do desempenho levou alguns pensadores a examinar a maneira pela qual esse processo tornou-se danoso ao indivíduo. Tendo em vista essa questão, responda:

a) O que Marcuse quer dizer com a expressão "eficiência e repressão convergem"?

Só com a repressão inculcada é possível aumentar o rendimento do trabalho, a produtividade, sobretudo quando a atividade não é prazerosa ou escolhida. Sem a participação consciente do indivíduo, suas forças instintivas são desviadas para o trabalho, empobrecendo a sexualidade, pelo processo de dessexualização e deserotização do corpo.

b) Explique qual é a crítica de Foucault ao dizer que "o corpo [na sociedade capitalista] só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso".

Para Foucault, o corpo submisso é o corpo docilizado pela inculcação da disciplina, que se faz de modo difuso nos diversos campos da vida social e cultural por meio de micropoderes. A nova organização disciplinar padroniza o comportamento e predispõe à obediência.

c) Embora Marcuse e Foucault tenham desenvolvido teorias diferentes, sob que aspecto podemos aproximá-los?

Por caminhos diferentes, esses filósofos mostram que o controle do corpo e da sexualidade é instrumento de dominação e, portanto, de perda da autonomia do sujeito.

d) A partir dessas críticas, o que poderíamos entender por felicidade?

Resposta pessoal.

Professor: Podem-se resgatar as características principais da felicidade, espalhadas pelo módulo. Por exemplo, segundo Misrahi, o sentimento de satisfação, a autonomia, a reflexão, enfim a "experiência de ser", o que não significa deixar de viver de modo consciente as perdas, o sofrimento, a morte.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Glossário

Aforismo. No sentido geral, máxima, ditado, pensamento. No contexto, enunciados curtos, mas de conteúdo conciso e crítico, típico de filósofos – tais como Pascal e Nietzsche – cujas obras não compõem sistemas fechados.

3 Leia os dois **aforismos** de Nietzsche. Observe que a obra *A gaia ciência* faz alusão ao movimento de poesia com o mesmo nome (literalmente, "alegre sabedoria") que surgiu ainda na Idade Média, no século XII, em Provença, região da França. Os poetas provençais exaltavam o amor como paixão, o que significa, para Nietzsche, um dos aspectos da *afirmação da vida*. Responda então às questões:

> *Alegria na cegueira.* – "Meus pensamentos", disse o andarilho a sua sombra, "devem me anunciar onde estou; não devem me revelar para onde vou. Eu amo a ignorância a respeito do futuro e não quero perecer de impaciência e do antegozo de coisas prometidas".
>
> NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Aforismo 287.

> *O andarilho.* – Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como andarilho – embora não como viajante em direção a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo; por isso não pode prender seu coração com demasiada firmeza a nada de singular; tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade."
>
> NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Aforismo 638.

a) O filósofo destaca o "onde estou" e não o "para onde eu vou": o que isso significa?

O filósofo destaca os aspectos do viver aqui e agora. Isso pode ser interpretado como algo que não deve impedir o gozo do momento por meio de um pensamento que não descarta a alegria de viver: a "alegre sabedoria".

b) O segundo aforismo explica o que significa *andarilho*: em que essa informação completa o primeiro?

Ao negar a "prisão" de um projeto fixo, o andarilho é um errante que "encontra sua alegria na mudança e no transitório", ou seja, na capacidade de criar, inventar a própria história, conforme os prazeres e sofrimentos que advêm a todos.

c) O que Nietzsche diria para Sócrates sobre a concepção daquele filósofo a respeito da morte? Complete sua resposta a partir do que foi explicado sobre o sentido de "gaia ciência".

Nietzsche criticou Sócrates por valorizar demais o controle racional das paixões e a desconfiança nos instintos. Essas ideias influenciaram o ascetismo cristão, o que acentuou o sentimento de culpa e, portanto, enfraqueceu o ser humano, distanciando-o de suas forças vitais instintivas.

d) Amplie a discussão expondo sua posição pessoal a respeito do tema.

Resposta pessoal.

Professor: Podem-se complementar essas ideias ou a elas se opor, contrapondo a importância da razão, do preparar-se para o futuro, do pensar na morte etc.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Leia a citação e responda às questões:

> Entre *eros* e *philía*, entre a carência e a alegria, entre a paixão e a amizade, convém evitar escolher. Não são dois mundos, que se excluiriam, nem duas essências separadas. São antes dois polos, mas num mesmo campo. Dois momentos, mas num mesmo processo. Veja-se a criança que pega o seio. É *eros*, o amor que pega, e todo amor começa aí. E veja-se a mãe, que dá o seio. É *philía*, o amor que dá, o amor que protege, o amor que se regozija e que compartilha. Todos compreendem que a mãe foi antes criança: ela começou pegando; e que a criança deverá aprender a dar. Assim, *eros* é primeiro, sempre, e primeiro permanece. Mas *philía* emerge dele pouco a pouco, e o prolonga. O fato de todo amor ser sexual, como pretende Freud, não quer dizer que a sexualidade é todo o amor. O fato de que começamos amando a nós mesmos, (...) não impede – ao contrário, permite – que às vezes amemos também um outro.
>
> COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.33.

a) Em que sentido podemos dizer que, no texto, os afetos são considerados a partir de contradições?

O filósofo contrapõe, sem excluir, o amor e a amizade, a falta e a alegria, o dar e o receber, o amor de si e o amor ao outro, considerados como faces de um mesmo processo.

b) Identifique no texto as passagens que se referem à aprendizagem do amor.

É a passagem do seio da mãe, pelo qual o bebê só recebe, mas com o tempo aprende a dar. Essa é a condição de descentramento, pela qual superamos o egocentrismo para nos relacionarmos com os outros.

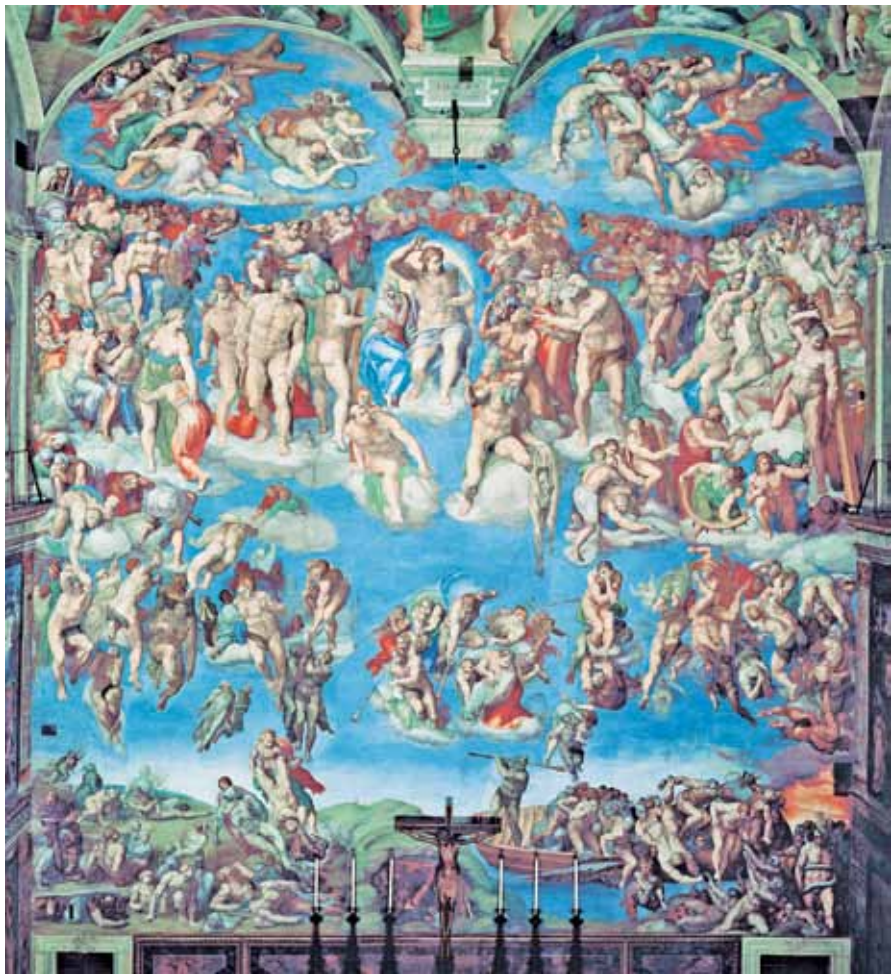
c) Interprete o que Comte-Sponville coloca em destaque: começar amando a si mesmo *não impede*, mas até *permite*, que amemos o outro.

Resposta pessoal.

Professor: Pode-se fazer uma reflexão sobre o amor de si, quando é maduro e não egocêntrico; é impossível que saibamos amar alguém se não aprendemos a amar a nós mesmos, o que significa lutarmos pela autonomia, liberdade, consciência de nossa individualidade. Só então podemos compartilhar com outros nossa experiência de viver.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Leitura visual



ALBUM/AKG IMAGES/ELECTA/LATINSTOCK

O Juízo Final é um afresco que cobre a parede que fica na Capela Sistina, no Vaticano. Pintado no século XVI, por encomenda papal, Michelangelo baseou-se na narrativa bíblica segundo a qual, no final dos tempos, haveria a ressurreição dos mortos para o último julgamento. No centro, encontra-se Cristo, como juiz; a sua direita, os eleitos sobem ao Céu, enquanto os condenados – abaixo, à esquerda – são agarrados por demônios que os puxam para o inferno.

Michelangelo, um renascentista, ao "narrar" pictoricamente a crença religiosa do Juízo Final revela as ambiguidades do tempo em que vivia. O próprio Michelangelo passou por períodos de dúvidas e oscilações de sua fé. A pintura é atormentada, os rostos e corpos contorcidos demonstram emoções fortes de medo, desespero, melancolia.

Responda às questões.

1 Em que *O Juízo Final* de Michelangelo está ligado ao pensamento medieval?

A obra representa uma passagem bíblica, tema recorrente nas pinturas medievais, impregnadas de sentimento religioso. No Renascimento continuam sendo solicitadas imagens religiosas, mas que já indicam os novos tempos.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2 Sob que aspectos a obra, embora com tema religioso, afasta-se do mundo medieval?

Michelangelo faz uma leitura renascentista, humanizada e atormentada, indicando os novos tempos de conflito entre razão e fé: pela dúvida, pela "humanização" das personagens nos corpos retorcidos, pelo distanciamento do equilíbrio das obras medievais.

3 Explique por quais motivos os gregos e os medievais desvalorizavam o corpo e sob que aspectos o valorizavam.

Os gregos desvalorizavam o corpo por conta da teoria dualista que remonta a Platão, pela qual os sentidos e as paixões nos levam ao erro; e o valorizavam por apreciarem a saúde e os esportes, para melhor viver, e pela beleza do corpo humano, representado em suas esculturas. Os medievais o desvalorizavam por ser ocasião de pecado; mas por ser o corpo um dom de Deus, também era valorizado e recuperado no Juízo Final.

4 Após a morte do artista, o papa Paulo IV, influenciado pelo movimento católico da Contrarreforma, mandou que fossem pintados panos para disfarçar a nudez total. Tendo em vista o que foi estudado no módulo, avalie se a decisão papal foi adequada ou não.

Resposta pessoal.

5 De que maneira podemos dizer que o tema do Juízo Final, além do aspecto do religioso, nos leva a pensar que a morte pode – ou não – desencadear uma reflexão sobre a vida.

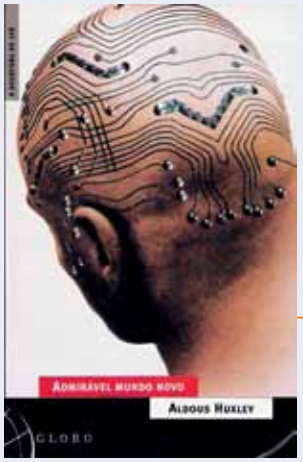
Resposta pessoal.

Professor: Pode-se defender a atitude do papa em razão de a pintura estar em um local religioso; ou explicá-la dentro do contexto de repressão ao corpo e à sexualidade, por influência da tradição medieval, o que não ocorria na escultura grego-romana, que influenciou os renascentistas. A partir da contemporaneidade, podem-se desenvolver outras ideias a respeito do corpo como fazendo parte integrante do ser humano, tal como dizem os filósofos da fenomenologia.

Professor: Podem-se escolher os pensadores que defenderam a reflexão sobre a morte para melhor avaliar a conduta moral (as ações que nos tornam melhores ou piores) ou os que preferem se distanciar para melhor viver.

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Conexões



REPRODUÇÃO

Para ler

- *A desintegração da morte*, de Orígenes Lessa. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

  Como seria nossa vida se a morte não mais existisse? Como ficariam valores como amor, fidelidade, religião, justiça e solidariedade? Nessa história, um cientista consegue eliminar a morte e condena todos os seres humanos à eternidade.

- *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. 2. ed. São Paulo: Globo, 2001.

  Nesse livro clássico, o autor descreve uma sociedade do futuro em que as relações são "livres", as crianças são gestadas fora do útero, as pessoas não envelhecem e são "felizes" porque uma pílula as impede de ter angústia.

- *Ética para meu filho*, de Fernando Savater. São Paulo: Planeta, 2004.

  Texto de leitura acessível, como denota o título, em que o filósofo espanhol desenvolve suas principais ideias a respeito do comportamento ético.

- *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

  É tido por muitos como um dos mais importantes romances da literatura brasileira. Traz a história do narrador Bentinho, desde sua infância. Tomado pelo ciúme e dominado pela dúvida, separa-se de sua esposa Capitu por não saber se foi traído. Desde que o livro saiu a pergunta está no ar: teria Capitu cometido adultério?

Para assistir

- *O* show *deve continuar*, de Bob Fosse. EUA, 1979, 123 min.

  É um musical sobre a história de um diretor de cinema e coreógrafo que trabalha de modo alucinado, além de levar uma vida de extravagâncias. Deveria rever sua rotina após um infarto, mas continua a vida de sempre. Há diálogos instigantes dele com a morte.

- *Mar adentro*, de Alejandro Amenábar. Espanha, 2004, 125 min.

  Baseado numa história real, relata a luta judicial de Ramón Sampetro, tetraplégico havia 29 anos, a fim de conseguir a autorização para praticar a eutanásia. A eutanásia, tema controverso, inclui o confronto com a família, a Igreja e a sociedade.

- *Pequena miss Sunshine*, de Jonathan Dayton e Valerie Faris. EUA, 2006, 101 min.
  Comédia crítica e irônica a respeito do modo de vida americano, que privilegia o sucesso como meta.

- *Othello*, de Kenneth Branagh. EUA/Inglaterra, 1995, 123 min.

  Baseado em uma das peças mais notórias do dramaturgo inglês William Shakespeare, narra a história do general mouro Otelo e

sua bela amada Desdêmona. Tomado por um desejo de vingança, o alferes Iago semeia a dúvida na cabeça do general a respeito do tenente Cássio e a esposa de Otelo. Uma das histórias mais clássicas sobre ciúme e traição.

- *As invasões bárbaras*, de Denys Arcand. Canadá, 2003, 99 min.

  Nesse filme, o diretor aproveitou os mesmos autores e personagens de *O declínio do império americano*, de 1986, que enfocava professores de esquerda envolvidos em questões políticas e defensores de uma ética libertária. O filme mais recente transcorre após a queda do Muro de Berlim e, mais que tudo, a partir da desilusão de uma geração voltada para a utopia de um mundo melhor. O contraste é mais forte pelos sintomáticos comportamentos da nova geração, cujos interesses se voltam para o sucesso no trabalho ou para as drogas. Simbolicamente, a história gira em torno de um dos protagonistas que sofre de câncer terminal.



REPRODUÇÃO

- *Pollock*, de Ed Harris. EUA, 2000, 122 min.

  Cinebiografia do pintor americano Jackson Pollock, um dos expoentes do movimento expressionista abstrato. Alçado ao estrelato, influenciou fortemente os rumos da arte de vanguarda, sobretudo nos anos 1950. Sua personalidade angustiada, porém, levou-o a sérias crises que abalaram toda sua vida.

- *Uma verdade inconveniente*, de David Guggenheim. EUA, 2006, 100 min.

  Estrelado pelo ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore, o documentário é um verdadeiro libelo contra as mudanças climáticas, em especial o aquecimento global. A ideia do filme foi colocar o assunto no centro dos debates. Gerou muita controvérsia, com posições das mais fatalistas até as mais céticas em relação à própria existência do aquecimento.

Para navegar

- Maurits Cornelis Escher (www.mcescher.com)

  Site oficial do artista holandês Maurits Cornelis Escher (1898-1972), conhecido por suas construções inusitadas e fascinantes.

- WWF-Brasil (www.wwf.org.br)

  Site da divisão brasileira da World Wide Fund for Nature (Fundo Global para a Natureza), uma das principais e mais respeitadas ONGs ambientalistas do planeta. É possível conhecer os projetos, as ações e as discussões da WWF a respeito de mudanças climáticas, preservação do meio ambiente e uso racional da água, entre outros tantos temas.

Navegando no módulo



UNO INTERNACIONAL

FILOSOFIA
Maria Lúcia de Arruda Aranha